

DanteCultural



Ano VI - Número 14 - Março de 2010

ISSN 1980-637X

Mococa

A simplicidade do interior paulista e a elegância da Itália



Entrevista: Felipe Andreoli, do CQC, fala da carreira e conta suas lembranças (inclusive as broncas) de quando era nosso aluno

Ligúria: a natureza generosa e a gastronomia essencial dessa região italiana

Arte: vida e obra de Giorgio Morandi, o pintor italiano das naturezas-mortas



O seu tempo é precioso.



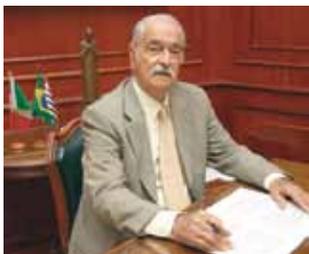
O do seu filho também.



Colégio Dante Alighieri.

Agora com opção de período integral até o 5º ano do Ensino Fundamental.
www.colegiodante.com.br

Mensagem do Presidente



Saudosismo?
Do meu tempo de criança – que não vai longe porque dele não me esqueço, e que portanto não envelhece – conservo vivas lembranças.

Esta que narrarei tem como tela de fundo a avenida que corta o espigão paulistano, a Paulista dos escritores e dos poetas, também dos jacarandás mimosos, ipês, magnólias, primaveras, rosas, tudo então perfumando sua atmosfera e suas majestosas mansões.

Amanhecera o dia 15 de novembro de 1934 em São Paulo.

Nessa data, era tradicional o festejo do aniversário do compadre de meu avô Oliveira, o comendador Oscar do Nascimento, cuja moradia, elegante palacete, era conhecida como a casa rosada da Paulista. Sua fachada era revestida com mármore rosa português. A grade em ferro, artisticamente trabalhado, possuía o portão de ingresso social e o de entrada para automóveis. Depois de percorridos cerca de 15 metros do jardim todo florido, deparava-se com a monumental escada, também de rosa mármore, com corrimões palacianos. O casarão situava-se entre dois palacetes pertencentes às famílias Calfat e Rodovalho. Nesse dia, eu já havia completado sete anos e era aluno do Instituto Médio Italo Brasileiro Dante Alighieri. Deste fato, já então, dele me orgulhava.

Curiosos, uma dezena de infantes, entre os quais eu, haviam percorrido todos os espaços que circundavam o corpo da casa. Lembro-me até de que meu primo José Luiz, que era afilhado do seu Oscar, no correr, quebrara o ramo de uma roseira, fazendo rolar ao chão um lindo e perfumado botão, que apressadamente foi recolhido e jogado no jardim.

Naquele momento, estávamos todos às voltas com brincadeiras, apostando corrida, rodopiando pião, jogando bolinha de vidro, e as meninas, pulando corda, dando vida à cabra-cega e ao lenço-atrás.

Eis que uma voz feminina se faz ouvir, pedindo à criada que fossem apagar as velas que enfeitavam o bolo “pão de ló” (especialidade de dona Albertina, esposa de seu Oscar).

A garotada, ao lado dos quitutes e sob o bigode farto e a barba branca do aniversariante, chegava para aguardar o momento do tradicional assopro, e iniciar o ataque à hipnótica isca. Com uma caixa de fósforos nas mãos, o comendador Oscar dirigiu-se aos convidados dizendo que uma das mães ali presentes havia solicitado que fosse dada a palavra a um dos meninos que desejava saudá-lo.

O velhinho não deixou escapar a transformação no seu semblante, até então carrancudo. As 60 velinhas espetadas no bolo fizeram com que a sua felicidade irradiasse pelos sorridentes olhos celestes.

Fez-se silêncio. Um garoto de 7 anos, com o terno azul-marinho de calças curtas, camisa branca e gravatinha borboleta, aproximou-se do aniversariante e, sem demonstrar acanhamento, num improviso decorado, redigido pela mãe e com ela lido e relido inúmeras vezes, iniciou dizendo: “Um garoto de 7 anos tem o topete de dizer algumas palavras...”. Dois ou três minutos de oratória bastaram para que os atentos ouvintes coroassem o final do discurso com palmas, abraços e beijos ao orador. Comovido, o aniversariante pôs a mão sobre a cabeça do Zezinho, agradeceu ao menino e à respectiva mãe, a quem disse: “Amélia, o teu filho será um bom advogado.” E assim, riscou o palito de fósforo, mais outro e mais outro ainda, para incendiar os sessenta anos de luz.

O tempo passou. O menino tornou-se advogado, fazendo defesas até no júri popular. Aquele botão de rosa que fora escondido no jardim chegava, poucos dias depois, pelo correio à casa de dona Carmen, mãe de José Luiz, com um cartão educativo do padrinho, seu Oscar.

Saudosismo? Não creio...

**Por José de Oliveira Messina
Presidente do Colégio Dante Alighieri
ex aluno 1934/1946**

Carta ao Leitor

Caros Leitores:

Assim como o Colégio Dante Alighieri, a revista DanteCultural atualiza-se. Mas, também como a Escola, que não abre mão de seus princípios e de suas origens, a publicação não desvia o foco do seu conteúdo.

A revista apresenta um novo projeto gráfico, que a torna mais leve e permite uma leitura mais fácil – não por acaso o papel branco voltou à publicação. De todo modo, não deixamos de nos preocupar com o meio ambiente: usamos, agora, um papel composto de fibras mistas, certificado pelo *Forest Stewardship Council* (Conselho de Manejo Florestal), o que dá à DanteCultural o direito de ostentar o selo FSC. Ele assegura que nenhuma árvore foi ilegalmente derrubada para a fabricação deste papel, e que foram mantidos os direitos trabalhistas dos envolvidos na extração da madeira. Todas essas mudanças foram feitas para entregar aos nossos leitores, de forma renovada, o que para nós é de enorme importância: conteúdo inteligente e interessante.

Nossa matéria de capa conta a história dos imigrantes italianos estabelecidos em Mococa, município localizado a 266 km de São Paulo. Veremos como eles, atraídos pela riqueza do café, deram ares de requinte ao local, e conheceremos um pouco da vida de seu filho mais ilustre, o escultor Bruno Giorgi.

A **Entrevista** traz o jornalista e ex-aluno Felipe Andreoli, que nos conta suas peripécias, desde a época de estudante até o trabalho no programa de televisão CQC. As ideias de Norberto Bobbio, expostas em nossa edição anterior, voltam, agora, em um artigo escrito pelo presidente do Colégio, José de Oliveira Messina. A seção **Cinema** traz o polêmico ator e diretor Roberto Benigni, e a de **Música** nos apresenta o hip-hop politizado da banda 99 Posse. A Ligúria está presente com suas belezas naturais e sua deliciosa culinária nas seções **Turismo** e **Gastronomia**.

Além disso, trazemos uma nova seção, assinada por Silvia Percussi: **Jovem Chef**, com dicas alimentares para os jovens, acompanhadas de uma receita de fácil elaboração.

Esperamos que gostem de todas as novidades desta DanteCultural.

Boa leitura!

Fernando Homem de Montes
Publisher



A revista DanteCultural (ISSN 1980-637X) é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Adriana Fontana
2ª Diretora-Secretária

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

José Piovacari
Diretor Adjunto

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D'Antino
Diretor Adjunto

José Perotti
Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari
Diretor Geral Pedagógico



Capa: Peri de Castro (A Mulher de Mococa - Bruno Giorgi) / C1: Divulgação/Gennaro Navarra / C2: Peri de Castro / C3: Fernanda Quinta / C4: Tadeu Brunelli / C5: Agência Nacional Italiana de Turismo (Enit)

Índice

Notas	6
Entrevista	8
Artigo	14
Capa	18
Arte	26
Medicina	30
Literatura	34
Música	36
Cinema	38
Perfil	40
Espaço aberto	44
Ensaio fotográfico	46
Poesia	50
Gastronomia	52
Jovem chef	55
Turismo	56
Papo aberto	61
Memória	62



Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa/Comercial: Vinicius Hijano

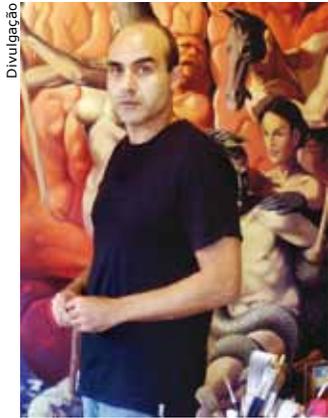
Colaboradores: Ana Carolina Addario, André Spera, Camila Mendonça, Edoardo Coen, Daniel Lima, Fernanda Quinta, Luisa Destri, Luiz Gomes, Peri de Castro, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Tadeu Brunelli, Vivian Almeida

Mande suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 8.500 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (011) 3179-4400

www.colegiodante.com.br

Espiritualidade e mitologia para encontrar respostas



O artista e ex-aluno Claudio Canato, que já expôs seus quadros na França, na Itália e em Portugal, está preparando um painel comemorativo do centenário do Colégio, que será exposto em frente à sala da Presidência. “Será um painel a óleo, com cerca de 24 m².

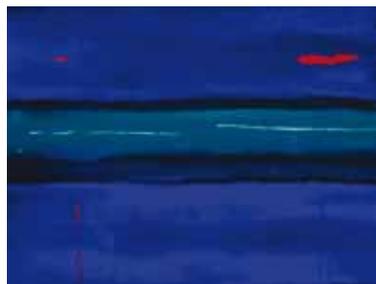
Minha proposta foi um tríptico da *Divina comédia*, representando as três partes da obra de Dante Alighieri: o Inferno, o Purgatório e o Paraíso”, conta Canato, que se animou com a missão. “A obra de Dante é muito densa e possui ricas descrições, o que para um pintor realista como eu é um prato cheio.” Canato estudou em nosso Colégio de 1970 a 1980, e desde a infância já pôde reconhecer suas habilidades com a arte. “O Dante teve participação em minha formação sobretudo no processo de pesquisa e estudo que constantemente faço sobre cada tema que escolho”, afirma. Desde que se profissionalizou, o pintor tem como temas



principais a mitologia e a espiritualidade, em que ele busca suas respostas para questões universais, e que ele entende como caminhos seguros para a verdadeira compreensão acerca de nossa existência. A metodologia da produção de cada quadro começa na pesquisa que Canato realiza a respeito do tema a ser pintado. “Durante todo o processo, muitas imagens vão aparecendo e se formando em minha mente. Faço esboços que me servem de lembretes. Ao longo dessa pesquisa, na medida em que minha compreensão do assunto aumenta, as imagens vão tornando-se mais claras, e então vou pintar”, diz o artista. “Mas deixo muita coisa acontecer na tela: o próprio trabalho vai me mostrando o caminho que sigo intuitivamente.” Para conhecer mais da obra do artista, acesse: www.canatoarte.blogspot.com

A explosão de cores de Umberto Nigi

Azul, vermelho, amarelo, preto, verde: as cores são as protagonistas nas obras do pintor italiano Umberto Nigi expostas na galeria Berenice Arvani de 25 de fevereiro a 19 de março.



O toscano, que vive no Brasil (em Belo Horizonte) há pouco mais de dez anos, segue influências dos artistas expressionistas dos Estados Unidos do pós-guerra, principalmente em relação ao abuso dos contrastes das cores. A vibração dos tons, porém, se contém harmoniosamente no espaço limitado por formas geométricas de traços firmes. Nos trabalhos presentes na mostra, há

uma busca constante pelo equilíbrio, tanto de luz e sombra quanto de expansão e contenção. Antes de se instalar em nosso país, o pintor viajou por várias regiões do Mediterrâneo e do Oriente Médio, de onde retirou uma rica experiência afetiva e intelectual, que acabou por se transformar em material para sua expressão artística.



O Dante foi um dos patrocinadores da exposição, proveito conferido em apoio à divulgação da cultura italiana em São Paulo, e tornado mais intenso por conta das comemorações do centenário da instituição, a ser celebrado em 2011.

Pirandello e a miséria da condição humana

Três histórias e uma temática: a ausência de vida. Baseada em contos do dramaturgo italiano Luigi Pirandello, a peça *A poltrona escura*, dirigida pelo também italiano Roberto Bacci, trata da miséria da condição humana. Essa miséria entremeada, por exemplo, no desolamento de um viúvo que se vê diante de uma vida sem sentido, na apatia da rotina de um advogado cheio de títulos que, de repente, passa a se olhar de fora e não se enxerga mais, e na renúncia de um homem que decide usar um estranho poder de que se vê dono: o de matar pessoas com um sopro. “Os pés na grama”, “Carrinho de mão” e “O sopro” são vivamente interpretados por Cacá Carvalho nesse monólogo, que lhe rendeu o prêmio Shell de melhor ator em 2003. O espetáculo é apresentado há nove anos, em temporadas no Brasil e na Itália, e fica até o dia 23 de abril em cartaz no Teatro Eva Herz, na Livraria Cultura do Conjunto Nacional. Depois, a equipe viaja pelo Brasil. Todo esse tempo de envolvimento com a peça só acrescentou ao já talentoso Cacá um domínio perfeito de sua expressão corporal: ele altera o tom de voz rápida e constantemente, é criança, velho e bicho, tem espasmos e deleita-se em pequenos prazeres. Com a poltrona escura (que dá nome à peça) no centro do palco, uma cadeira, dois casacos

Márcio Medina



e um par de pantufas, Cacá se transfigura em personagens diferentes com maestria e vigor. Por conta dessa qualidade, é possível acompanhar, sem desvios, a melancolia, a perplexidade, o humor, o conformismo e o pavor que acabam por rondar os enredos das três histórias. E a escolha e a ordem dos contos não deixa de

cumprir uma estrutura que provoca uma reflexão gradativa: primeiro vemos a frustração de quem perdeu uma pessoa querida para a morte, e que, por isso, se sente ‘de férias da vida para o resto de sua sobrevivência’; depois, nos deparamos com a descoberta da ausência de identificação pessoal de um personagem que, teoricamente, possui tudo o que é necessário para viver; por fim, chegamos à desilusão pura e simples de um indivíduo que está vivo em um mundo vazio de sentido, e que se torna a personificação da morte. É a questão-mãe de Pirandello nos tirando todas as possíveis saídas para uma verdadeira plenitude.

A poltrona escura

Direção: Roberto Bacci - Elenco: Cacá Carvalho
De 9 de março a 23 de abril no Teatro
Eva Herz - Avenida Paulista, 2073
Tel: 3170-4059 - Terças a quintas,
21 horas - Ingressos: R\$ 40 -
Recomendável a maiores de 16 anos

Cartas



“Quero agradecer ao *team* da Dante Cultural pelo ótimo trabalho na revista. Todas as seções são agradáveis e interessantes e ela me trouxe uma grande saudade dos tempos de Dante, dos melhores de minha vida. De uma ex-aluna com muita saudade.”

Patrizia Romani Aloisio

“Fiquei emocionada ao ler a última revista Dante Cultural, ao rever a foto do professor Natanael, amigo de meu pai, Francisco Carlos Sodero (também ex-professor do Dante), e mais emocionada ainda lendo a história do meu querido e amado professor maestro Callia, do qual recebi uma valsa como homenagem.”

Cecília Conceição Sodero Cirillo



Jornalismo bem-humorado

As molecagens que Felipe Andreoli faz no CQC, um dos programas de maior sucesso na TV, finalmente são vistas como trabalho sério pela audiência brasileira

Por Marcella Chartier

O entrevistado desta edição fez questão de vir ao Colégio para a conversa. Felipe Andreoli, repórter do programa CQC (Custe o que custar), da TV Bandeirantes, quis matar as saudades do lugar onde passou boa parte de sua infância e adolescência, e tentar rever alguns de seus professores (que já lhe deram muitas broncas pela indisciplina entre 1989 e 1997, tempo em que ele estudou no Dante). Apesar da sala reservada para a entrevista, ele preferiu conversar no pátio. Não demorou muito para que os alunos que passavam com seus lanches no recreio se empolgassem com a surpresa, e que se formasse uma pequena multidão de estudantes com pedaços de papel nas mãos, para os autógrafos, e os celulares posicionados para as fotos. Felipe não só se sente à vontade com o assédio, como gosta de atender os admiradores. O sucesso do CQC, que acaba de estreiar a temporada de 2010, o ensinou a ter paciência para esse tipo de situação – mas ele bem que já sonhava, desde criança, em ser famoso, trabalhando na TV. Acompanhava o pai, o também jornalista Luiz Andreoli, na redação da Rede Globo, onde ele trabalhava, e sabia que seguiria a carreira jornalística. “Acho que até por isso mesmo eu ia tão mal em Química, Física, Matemática... eu sabia que não era o que eu queria fazer”, justifica, quando lê as notas baixas em seus boletins, preservados pela Secretaria do Dante. Começou trabalhando aos 19 anos, como auxiliar de produção da TV Record, um laboratório para que Felipe aprendesse detalhes sobre o mundo da televisão. Aos 21 foi para a TV Cultura, onde trabalhou pelos cinco anos seguintes, já fazendo matérias. E então seguiu para a Band, onde passou cerca de um ano fazendo reportagens esportivas até ser convidado para integrar o time do CQC, liderado por Marcelo Tas, em março de 2008. Daí em diante, a vida mudou bastante, não só pela fama, mas pela rotina corrida que acabou indo além das reportagens para o CQC, e que agora inclui apresentações no teatro, participação em eventos, publicidade e um programa de rádio. A prioridade, no entanto, continua sendo o programa na Band, que ganhou credibilidade tanto do público quanto dos próprios entrevistados. No início, era visto como um programa apenas de humor, e não jornalístico. “Tem muita gente que não falava [com o CQC], e agora fala, por conta disso. Ou porque aprendeu como é o jogo: a maioria das pessoas percebeu que a pior coisa que se pode fazer é não falar”, conta. Parte desse rótulo é consequência das piadas feitas pelos repórteres, que costumam desconcertar os entrevistados. “O bom do programa sai no improviso. Você sempre sabe o que vai perguntar, mas não o que seu entrevistado vai responder. E na resposta do cara, às vezes, tem uma réplica que é a melhor parte da matéria”, diz Andreoli. Nesta entrevista, ele conta algumas de suas experiências na escola, sua trajetória até aqui, ambições na carreira e, claro, sobre como é fazer um dos programas de maior audiência da TV brasileira.

O que você se lembra dos tempos do Colégio?

De muita coisa. Lembro da primeira garota por quem eu me apaixonei, a Luana. Escrevi um bilhete para ela: ‘você gosta de alguém da classe?’ e ainda mandei um ‘pediram para te entregar’. Ela me devolveu, eu guardei, e depois abri no carro voltando para casa, todo escondido. Estava escrito só: ‘não’. (risos) Eu tinha 9 anos, estava na 3ª série (hoje, 4º ano do Ensino Fundamental). Gostava de ser meio *bad boy*, meio fora da lei, vinha com o tênis todo furado, a calça rasgada – ou botava aquelas joelheiras de couro na calça para poder me jogar no chão, fazer as estripulias que a molecada gosta de fazer. Mas lembro que, depois, teve uma época em que três amigas gostavam de mim e diziam que tinham brigado por minha causa... me senti a última bolacha do pacote.

Na 5ª série (hoje 6º ano do Ensino Fundamental), o primeiro ano de ginásio, tinha uma calça cinza no uniforme e era tipo um louvor usar. A moda era usar a calça cinza de uma determinada marca. Mas a minha foi minha avó, que é costureira, quem fez. E fiquei triste porque a minha não era da moda. Estudar em um colégio de classe alta como o Dante tem isso, também. As crianças julgam muito pelo status.

Lembro também que cantei no Dante in Concert, e que joguei em uma semifinal de futebol das Olimpíadas Internas, na quadra 5; perdi por 4 a 2 e nosso time era o melhor – nunca venci uma olimpíada do Dante. Essa foi minha maior frustração aqui. Um pouco do que eu já quis ser quando criança, como jogador de futebol e cantor, vivi aqui. O Dante ainda está muito presente na minha vida porque todos os meus grandes amigos conheci aqui. Sempre me reúno com a galera do Colégio, e falamos das viagens, dos professores, até das aulas... O que na época de estudantes, para a gente, era chato, hoje é diversão. E, com certeza, quem está aqui hoje só vai dar esse valor quando sair. A formação que eu tive aqui foi muito importante para mim.

E como eram suas notas, sua disciplina?

Sempre fui muito melhor em matérias da área de humanas e péssimo em exatas e em biologia. Tinha muita dificuldade. Lembro demais dos professores,

principalmente os das matérias em que eu ia mal. Na 6ª série (hoje, 7º ano do Ensino Fundamental), fiquei de recuperação de Educação Artística! Tinha eu e mais cinco alunos. Tirei 2,5! Lembro que havia um trabalho em que eu tinha que reproduzir um desenho com pontilhismo, e o meu foi de um adesivo da baleia do Santos, não sei por quê, nem torço pro Santos, e ficou horrível. Eu sempre tive muita dificuldade também em fazer coisas com compasso... Enfim, quase não passei no exame psicotécnico do carro, para você ter uma ideia... (risos)

A escolha da carreira, para você, teve forte influência do seu pai. Você já sabia, desde a adolescência, que queria ser jornalista?

Com certeza. Sempre acompanhava meu pai no trabalho, ia com ele às redações da TV Globo, da Bandeirantes. Nunca tive dúvida do que ia fazer no vestibular – acho que até por isso mesmo eu ia tão mal em Química, Física, Matemática... eu sabia que não era o que eu queria fazer. Então, a escolha acabou sendo fácil pra mim. Mas depois... trabalhei dez anos no jornalismo carregando fita, trabalhei na produção da Igreja Universal, acordava todo sábado às 6 da manhã para ir trabalhar, coisa que a galera não sabe, me vê hoje no CQC e acha que foi tudo moleza. Fiz um monte de coisas difíceis que teoricamente não seriam legais de fazer, para depois chegar no CQC e ter reconhecimento.

Você entrou na faculdade logo que se formou no Colégio?

Sim. Mas antes fiz dois anos de Rádio e TV na FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), porque achei que era semelhante a jornalismo, mas acabei desistindo porque não era. Você pode desempenhar muito mais funções se formando como jornalista. Depois acabei mudando para a FIAM (Faculdades Integradas Alcântara Machado), onde me formei.

Já teve frustrações na carreira?

A área do jornalismo é muito restrita. Se você não tiver alguém que te dê uma primeira chance, é muito difícil. É uma área mal remunerada, você precisa trabalhar, eventualmente, de sábado e domingo, não tem horário fixo – às vezes você entra às 5 da manhã, em outras vai trabalhar às 9 da noi-

te, ou no dia do aniversário do seu pai.

E do jornalismo você acabou partindo para o teatro, se envolveu com humor...

O CQC ampliou muito minhas possibilidades.

Tenho hoje uma peça de teatro em que conto minhas histórias, um programa de rádio sobre esporte. Escrevo em blogs, sites, colunas, me chamam para ser mestre de cerimônia de eventos. Quando o CQC está no ar, claro, é muito mais difícil conseguir fazer outras coisas porque o programa é minha prioridade.

Até que ponto a presença do humor no seu trabalho jornalístico confunde as pessoas? Muita gente considera o CQC apenas um programa humorístico...

Já me incomodei muito, mesmo. Faço um programa hoje que contém humor, que eu defino como um jornal bem-humorado, ou uma revista eletrônica que dá informação crítica e brinca com as situações mostradas nas matérias. Mas hoje não ligo tanto, vejo como uma coisa boa até. Podem me chamar de comediante, humorista, não me importa mais. Eu me incomodava antes por ter me formado em uma faculdade, por ter MTb (*o registro de trabalho dos jornalistas*). Se eu quiser fazer coisas de conteúdo não bem-humorado, faço. Mais para frente, na minha carreira, as pessoas vão me ver fazendo mais coisas “sérias” do que engraçadas.

É mesmo? Você tem vontade?

Sim, muita. Tenho planos de fazer documentários sobre coisas bem mais “sérias”, de deixar para fazer mais humor em rádio, onde acho que isso funciona muito bem. Na real, isso faz parte da minha forma-

Divulgação



A paixão pelo futebol e pelos esportes em geral lhe rendeu a missão de fazer a cobertura das competições. Ele será o enviado especial do CQC à Copa do Mundo da África do Sul

ção desde o começo, porque na TV Cultura eu já fazia matérias mais sóbrias, na Record apresentei quadros para adolescentes de um jeito mais sério também, temas adolescentes. Mas, enfim, sempre foi característica minha ter uma linha bem humorada, mesmo fazendo jornalismo tradicional.

Você é um dos repórteres que cobrem temas variados no CQC, mesmo sendo responsável pelo esporte sozinho, por exemplo. Como se prepara?

Pensamos em tudo o que vamos fazer nas pautas detalhadamente, e em boas perguntas, inclusive. Mas o bom do programa sai no improviso. Porque você sempre sabe o que vai perguntar, mas não o que seu entrevistado

vai responder. E na resposta do cara, às vezes, tem uma réplica que é a melhor parte da matéria. Fico feliz por fazer matérias sobre todos os assuntos, porque acho que tenho capacidade. Os meninos [*os outros componentes do CQC*] não dominam tão bem a parte esportiva – e, se você não domina tão bem um assunto, fica mais difícil de fazer uma piada ou

de interagir com alguém daquele metiê. A parte internacional é muito legal. Faço porque tenho um inglês fluente, um espanhol razoável e um italiano que nem eu sabia que me lembrava: aprendi no Dante. Nunca mais estudei italiano, fui vendo filmes, que adoro, e treinava assim.

E a fama repentina? Você se irrita ou se incomoda com o que ela tem lhe trazido?

Hoje estou mais acostumado, me preparo quando vou lidar com situações de muito público. Quando vou fazer um show, por exemplo, sei que depois vou tirar foto com a galera, tenho que ter paciência, uma menina ou outra vai me apertar, pegar no meu cabelo, vai ter uma tiazinha que vai tentar me dar um beijo na boca... estou preparado para isso tudo, já. Mas quando vêm falar comigo sem educação, sendo folgados, devolvo na mesma medida, obviamente sem agredir nin-

guém, mas para que a pessoa perceba que não foi bem na atitude.

Em seu blog, você divide com o público um pouco mais do que suas opiniões e questões relacionadas diretamente ao seu trabalho. Recentemente, escreveu sobre a sensação de fazer 30 anos. Como você define os limites do que quer compartilhar?

Eu comecei a escrever o blog quando estava na China (*o repórter cobriu as Olimpíadas de Pequim em 2008*), e era como um diário de bordo. No começo tinha muitas dúvidas sobre o que eu ia escrever. Não podia ser sobre o que ia para o ar, então o que fiz foi realmente compartilhar minha visão pessoal daquilo. A partir dali, comecei a mostrar tudo pela minha visão. Você não vai me ver contando coisas da minha intimidade, mas sim impressões pessoais e sentimentos, porque acho que as pessoas querem isso – também no meu twitter. E é legal ler o que as pessoas comentam, que estavam doentes, foram no meu show e ficaram felizes, ou que estavam com vários problemas e se sentiram revigoradas. Então não deixa de ser uma responsabilidade, também.

Às vezes você passa por alguns apuros durante seu trabalho. Comentou no seu blog, por exemplo, que isso aconteceu em um jogo no Brasil – em que você sentiu mais medo do que em um estádio na periferia de uma cidade da África do Sul. Como você encara esses riscos?

É a parte que me deixa muito triste porque adoro cobrir futebol. Esporte é minha paixão desde moleque. E torcedor idiota, multidão, fanático, sempre vai ter e não é problema do futebol, é problema social. Não consigo conceber que se queira bater e até matar alguém porque o cara veste verde e você, azul. Passei por uma situação bem chata

Felipe estudou no Dante desde o 3º ano do Ensino Fundamental, quando já se atrapalhava na matemática e fazia suas bronzas dos professores

Arquivo Dante

DANTE ALIGHIERI
SOCIEDADE CIVIL COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
S DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

SÉRIE: 7
TURMA: "I"



COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
CONHECIDO ATRAVÉS DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
MEDA JAÚ, 1.061 - TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

Nº: 1992
TARDE
Nº: 28
GRAU: 1º
SÉRIE: 6
TURMA: "M"

GUIMARAES ANDREOLI
1980

13ª DE - DRECAP-3

COLÉGIO DANTE ALIGHIERI
CONHECIDO ATRAVÉS DA PORTARIA DA COGSP DE 05/12/79 PUBL. DOE 08/12/79
MEDA JAÚ, 1.061 - TELEFONE: 287-7411 - CEP: 01420-001 - SÃO PAULO - SP

Nº: 1996
MANHA
Nº: 19
GRAU: 2º
SÉRIE: 2
TURMA: "C"

LUIZ FELIPE GUIMARAES ANDREOLI
5 de fevereiro de 1980
SÃO PAULO

13ª DELEGACIA DE ENSINO

NOTAS DOS PERÍODOS				NOTAS PONDERADAS				TOTAL DOS PERÍODOS PONTOS	MÉDIA ANUAL	CONSELHO DE CLASSE		NOTA DE RAÇÃO	RECUPE RAÇÃO	MÉDIA ANUAL	MÉDIA ANUAL APÓS RECLUP.
1º PER.	2º PER.	3º PER.	4º PER.	1º PER.	2º PER.	3º PER.	4º PER.			PROMO VIDO	RECUPE RAÇÃO				
X	2	X	2	X	3	X	3			X	5	X	5		

em Porto Alegre. Entendo que o pessoal do sul seja super-regionalista, mas querer agredir alguém porque o cara é de São Paulo e o jogo é contra o Corinthians? E se eu estivesse mesmo torcendo pro Corinthians? Esporte é competição, um vai ganhar e o outro vai perder. Fico muito revoltado quando isso acontece. Os seguranças do Internacional (*clube gaúcho que jogava contra o Corinthians na ocasião*) foram muito legais e salvaram a gente de tomar porrada da torcida do próprio time. E os agressores não eram o pessoal da arquibancada, que se costuma taxar de maloqueiros – eram os playboys de Porto Alegre. Para nossa sorte, as pessoas começaram a ser punidas – isso vai mudando pouco a pouco no Brasil, mas espero que isso aconteça cada vez mais, e mais rápido. Para cobrir um jogo de futebol, sei que tenho que alterar minha rotina: chegar mais cedo, me posicionar na numerada, e, se o time da casa estiver perdendo, é melhor eu sair antes – ou vai acabar sobrando para mim e para a equipe. Não trabalho com seguranças e não quero ter que gravar minha matéria com um brutamonte atrás da câmera, porque aí também fica muito fácil, né? Eu sacaneio à vontade o meu entrevistado e tem um grandão ali que, se você falar qualquer coisa, ele vai me defender. Quero ir de cara lavada. Mas entrar num vestiário do Flamengo e ouvir um dirigente do clube falar: ‘sai daqui, paulista’? Minha vontade era sair, desligar a câmera e não botar a matéria no ar, e não por ele ter feito isso comigo, mas com o meu programa, que é o time em que eu jogo, e que dá muita audiência.

No começo acontecia muito, mas hoje é mais difícil alguém não querer dar entrevista a vocês, né?

Sim. No começo as pessoas fugiam da gente, até pela comparação do nosso programa com o Pânico (*programa de humor da Rede TV!*), que não tem nada a ver. Hoje as pessoas já conhecem o estilo do CQC. Tem muita gente que não falava, e agora fala, por conta disso. Ou porque aprendeu como é o jogo: a maioria das pessoas percebeu que a pior coisa que se pode fazer é não falar. O público pensa: ‘nossa, por que esse cara não falou, está devendo alguma coisa?’ Ou: ‘nossa, que artista mascarado.’ Então acho que o jogo virou a nosso favor. Mas claro que às vezes o repórter perde o duelo, o en-

trevistado te sacaneia e pronto, vai pro ar, é parte do jogo. Mas não é por isso que a gente tem que aliviar. Se tiver que fazer uma pergunta mais forte, vamos fazer, porque, às vezes, deixar o cara desconfortável é a nossa missão ali.

Quais são seus planos profissionais futuros?

Bem, minha peça fica em cartaz em São Paulo até maio no Teatro Folha, porque em junho vou para a Copa do Mundo. Tem o programa de rádio, novamente ao lado do meu pai, e com o Marco Luque (*apresentador do CQC*), que deve ser toda segunda-feira no começo da noite. E outras coisas publicitárias e de internet. Muito disso acontece em cima da hora, não planejo muito.

E a longo prazo?

Engraçado, não sou muito de fazer planos. Sempre quis fazer jornalismo e fui levando isso de uma maneira até que planejada, até meu primeiro ano de esporte na Band. Depois que surgiu o CQC e fui fazer uma coisa totalmente inusitada, que não esperava, parei um pouco de planejar as coisas. Até porque o CQC trouxe uma demanda muito grande de coisas para serem feitas no presente – ou num futuro próximo. Então não consigo imaginar onde estarei em cinco, dez anos. Sei que gosto muito de apresentar, então me vejo até apresentando um programa em alguma emissora um dia. A carreira na TV é certeza, porque isso é minha paixão. Claro que, por ter um pai que viveu muito de TV também, sei que isso não é para sempre, mas apenas enquanto você tem uma imagem legal – depois vêm as rugas, o cabelinho branco, e vão te tirar do ar. É assim, a não ser que você seja um Joelmir Beting, um cara muito sensacional e de muita credibilidade – que eu espero ser. Mas eu adoraria ter um *talk-show*, um programa de entrevistas, é uma ambição, ainda vou fazer. Também quero avançar nos outros projetos. Rádio é projeto para a vida, é muito bom, e você ainda pode ir de bermuda e chinelo, e todo mundo está te curtindo e te ouvindo no trânsito ou onde quer que seja, chega pela internet – o alcance é impressionante.

Momentos de vida

Por José de Oliveira Messina - Presidente do Colégio Dante Alighieri

Obediente à Lei das leis, Lei que emana da sabedoria de Deus – não dos homens –, partiu, em 2004, para o mundo da Gloriosa Verdade, um dos maiores pensadores do nosso tempo: Norberto Bobbio, que logrou modular a vida em recém-nascido, infante, adolescente, homem feito e ancião. Seu nascimento se deu em Torino, no dia 18 de outubro de 1909. O relato que ora farei de parte da sua existência, e que consta de sua *Autobiografia* (Editori Laterza – 1997 – aos cuidados de Alberto Papuzzi) – documento incomparável por força de sua autenticidade –, colocará o leitor diante de informações capazes de revelar como se plasmou entre nós um homem comum que, sem jamais almejar colher aplausos, tampouco colares de glória, soube demonstrar como o ser humano, na sua simplicidade, pode motivar seu semelhante a percorrer os sábios caminhos que lhe atravessam a vida.

Foi filho de Luigi Bobbio, que, nascido na província de Alessandria, atuou como médico cirurgião, profissão que lhe rendeu prestígio na localidade.

Seu avô paterno, Antonio, foi professor do curso fundamental, sendo promovido posteriormente para o cargo de diretor didático. Católico liberal, colaborador do jornal alessandrino *La Lega*, o mesmo avô guiou-se pela filosofia, chegando a publicar livros críticos sobre os pensadores positivistas Roberto Ardigò (1828-1920, filósofo de Casteldidone – Cremona, expoente máximo do positivismo na Itália), e Herbert Spencer (1820-1903, filósofo inglês, também expoente do positivismo), além de um livro manzoniano intitulado *O Verdadeiro, o Belo e o Bom*, dos *Promessi Sposi*, título que faria, mais tarde, o neto sorrir.

Refere ainda Norberto Bobbio que, em tempo recente, Cesare Manganeli reuniu uma série de diários inéditos desse avô. Tais escritos foram publicados no jornal *Il Piccolo*, da Alessandria, compondo um livro intitulado *Memorie*. Como prefaciador, o neto Norberto escreveu o seguinte trecho, que destacou em sua autobiografia: “Do avô, em nós jovens permaneceu a imagem de um velho venerando

e venerado, que impunha submissão, e do qual os filhos falavam com admiração e reverência.”

A avó paterna, de nome Rosa Caviglia, nasceu numa localidade que, distante 8 km de Acqui, se chamava Rivalta Bormida, para onde Norberto Bobbio retornava sempre com muita emoção. Nessa cidade nascera Giuseppe Baretti (1719-89), crítico e polemista, que, por meio de sua posição antiarcádica e antiacadêmica, contribuiu para a renovação cultural da segunda metade do Setecentos. Recorda Bobbio que a primeira assinatura que fez de um periódico foi em 1924. Fundado por Piero Gobetti (1901-26), e chamado *Il Baretti*, a proposta do jornal era renovar a vida civil, dando-lhe um sentido democrático. Escritor e político, também de Torino, Gobetti foi perseguido pelos fascistas e faleceu em Paris, em plena juventude. Em seu semanário escreviam Benedetto Croce (1866-1952), filósofo, historiador e crítico, Emílio Cecchi (1884), prosador e crítico florentino, Eugênio Montale (1896), poeta genovês, entre os maiores, e Umberto Saba (1883-1957), poeta e prosador triestino de inspiração predominantemente sentimental e psicológica.

Interessante notar que, na linha de sua veia jocosa, publicou uma reflexão segundo a qual se julgava convicto das bases do seu “piemontismo” – consciente não só das próprias virtudes, mas também dos próprios vícios. Inicia dizendo por que foi chamado de Norberto. Segundo ele, o “estranho” nome foi herdado de um bispo alemão que viveu entre o undécimo e o duodécimo século, nome com o qual foi primeiramente batizado o avô materno, nascido em 1847 num pequeno lugar sobre a margem direita da Bormida, entre Acqui e Alessandria. Prosseguindo, Bobbio lembra que os pais desse avô, que foi o caçula de uma família numerosa, não dispunham de um nome costumeiro para o derradeiro filho, motivo pelo qual decidiram lhe dar o nome do avô, que, por sinal, era o mesmo de um poeta piemontês que à época estava na moda: Norberto Rosa.

Norberto Bobbio, porém, diz que, para ele, foi sempre um mistério a projeção de Norberto Rosa, pois, relendo suas poesias, nunca conseguiu ir além das primeiras cinquenta páginas. Algumas

notícias davam conta de que Norberto Rosa tornara-se famoso por haver promovido a subscrição para a compra de cem canhões, que teriam o destino de proteger os “fortes externos” de Torino. Contudo, a compra desses canhões ocorrera em 1857, quando já distavam dez anos do nascimento do avô. Portanto, concluiu Norberto Bobbio, Norberto Rosa era mesmo célebre por suas poesias. Mas como ele assim se tornou e por quê? Bobbio prefere transferir a pergunta aos cultores da história literária piemontesa.

Recorda-se ele também de que teve uma infância e uma adolescência felizes, porque pertencia a uma família abastada, vivendo numa bela casa, com duas serviçais e um motorista particular, nos anos mais prósperos, entre 1925 e 1940. Seu irmão, Antonio, era dois anos mais velho, e diferente dele: extrovertido, de excepcional inteligência, sempre o primeiro da classe. Num mesmo ano cursou o segundo e o terceiro liceu (hoje curso médio). Mais tarde, ingressou na carreira médica, seguindo no caminho do pai, e se tornou professor de Clínica Cirúrgica na Universidade de Parma. Contudo, antes de completar 60 anos, faleceu vitimado por uma grave doença.

Ao falar de sua adolescência, qualifica-a, no aumentativo, como “normalíssima”, embora na infância houvesse se manifestado uma enfermidade que o marcaria por toda a existência. Apesar de seu pai ser médico, Norberto Bobbio jamais ficou sabendo com precisão a natureza do referido mal. O fato é que ele passou todo o ano em que cursou o primeiro ginásio com o braço preso ao pescoço, como se o houvesse fraturado. Esta é uma recordação, aliás, que sempre o acompanhava.

O gosto pela poesia fez com que, desde cedo, as escrevesse, tendo-as apenas rasgado previamente à morte. Quando cursava o quarto ano do ginásio, em 1923, começou a poetar. Todas as composições poéticas oscilavam, então, entre o pessimismo leopardiano (Giacomo

Leopardi – 1798-1837) e o crepuscularismo gozzaniano (Guido Gozzano – 1883-1916).

Verifica-se que a influência de Gozzano foi nele tão marcante, que Bobbio sabia de cor a última estrofe dos “Colóquios”, poema de autoria do primerio:

*“Il fanciullo sarò tenero e antico
che sospirava al raggio delle stelle
che meditava Arturo e Federico
ma lasciava la pagina ribelle
per seppellir le rondini insepolti
per dare un'erba alle zampine delle
disperate cetonie capovolte.”*

Arturo é Schopenhauer (1788-1860) e Federico é Nietzsche (1844-1900). Bobbio justifica a lembrança dessa poesia até a idade avançada dizendo que ela espelha um estado de alma no qual se reconhece.

Vejo aqui a bondade que habitava seu coração. Sepultar os pássaros insepultos, dar um ramo de erva para que um inseto, desesperado com as patinhas para cima, possa nele se agarrar para se salvar, o que poderá significar?

“A paixão pela leitura começou tarde, mas logo se tornou intensa e geral. As anotações que fazia sobre os livros que lia, colocava-as no receituário do seu pai, que ele conservou. No primeiro ano de universidade, leu 18 livros em apenas trinta dias, aproveitando os feriados natalinos.”

A paixão pela leitura começou tarde, mas logo se tornou intensa e geral. As anotações que fazia sobre os livros que lia, colocava-as no receituário do seu pai, que ele conservou. No primeiro ano de universidade leu 18 livros em apenas trinta dias, aproveitando os feriados natalinos. As poesias de Paul Géalduy (1885 - 1983), poeta e comediógrafo francês,

cujo romantismo o tornava o preferido pelos namorados, Bobbio as leu atestando o leitor voraz em que se transformara. Na mesma época, iniciou o estudo do idioma inglês, que lhe permitiu ler as *Líricas* de Percy Bysshe Shelley (1792-1822), poeta inglês, romântico, morto por afogamento na Baía de Lerici (*La Spezia*).

Um de seus amigos, Cesare Pavese (1908-1950), natural de Santo Stefano Belbo (Cuneo), poeta e prosador entre os maiores da época, por haver cursado o liceu moderno, aprendera o inglês, e não

o grego, então lecionado no liceu clássico. Ao saber que Norberto Bobbio havia iniciado, por conta própria, o estudo do inglês, colocou-se à disposição dele para a leitura de alguns clássicos ingleses.

Com efeito, Norberto refere-se ao período em que Cesare Pavese era seu professor, e ele, dedicado aluno. Das poesias de Shelley, gostava de citar “L’ allodola”, cuja recordação continuava viva por tê-la uma dia traduzido, utilizando o papel do receituário de seu pai.

A despeito do gosto por poesia, confessou que nunca foi um grande leitor de romances. Leu, todavia, alguns volumes da obra de Honoré de Balzac (1799-1850), considerado o criador do romance realista. Dedicou-se também à leitura dos romancistas do Oitocentos, de Stendhal (1783-1842) a Flaubert (1821-1880), de Dostoiévsk (1821-1881) a Tolstói (1828-1910).

Além desses autores, Bobbio enfatiza que lera quase inteiramente Thomas Mann, embecendo-se em sua obra política. Dele, anota a última página do adeus a Giovanni Gator, “*onesto Beniamino della vita*” (honesto filho predileto da vida), com as últimas palavras: “*Da questa festa mondiale della morte, da questo malo delirio che incendia intorno a noi la notte piovosa, sorgerà un giorno l’amore.*”

Cumpra agora assinalar um testemunho prestado à humanidade, esta ainda hoje bem longe da convivência pacífica, quando as notícias que vêm de todas as cantos do orbe dão conta de desigualdades sociais e de injustificados dispêndios de erários. Note-se a “grande descoberta” recentemente realizada em Marte: o planeta já teve água? Sabemos que, para a vida, a água é o elemento primordial. Perguntamos, porém: o que se há despendido para tais investigações tem justificativa diante da miséria terrestre? O que se pretende com tais mirabolantes empreitadas?

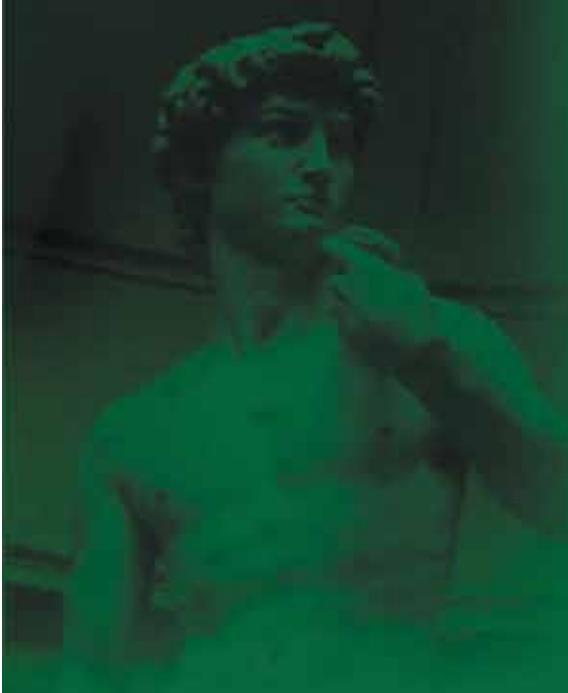
Assim é que, concluindo, traduzo livremente o seguinte trecho, com o qual se encerra parte da primeira exposição do capítulo I da *Autobiografia*,

intitulado “Pré-história”: “na minha família nunca tive a impressão do conflito de classes entre os burgueses e os proletários. Fomos educados a considerar todos os homens iguais, e a pensar que não existe diferença entre quem é culto e quem não o é, quem é rico e quem não o é. Compreendi essa educação como um estilo de vida democrático numa página de *Direita e esquerda*, distinção com a qual confesso ter sempre estado incomodado, ante o espetáculo das diferenças entre ricos e pobres, entre quem está no alto e quem está embaixo na escala social, enquanto o populismo fascista tinha por escopo desagregar os italianos em uma organização social que cristalizasse a desigualdade.”

“Essas diferenças eram particularmente evidentes durante as longas férias no campo onde nós, vindos da cidade, brincávamos com os filhos dos camponeses. Entre nós, para dizer a verdade, existia efetivamente um perfeito entrosamento, e as diferenças de classes eram absolutamente irrelevantes, mas não podíamos ignorar o contraste entre as nossas casas e as deles, os nossos alimentos e os deles, as nossas roupas e as deles (no verão andavam descalços). Cada ano, renovando as férias de verão, ficávamos sabendo que um dos nossos companheiros de brincadeiras havia morrido no inverno de tuberculose. Não me recordo, ao contrário, de sequer uma só morte por doença entre os meus companheiros da cidade.”

Essa é uma mensagem sobre a qual nossa meditação há de ser bem profunda, pois, com toda a certeza, emanou da educação recebida por Norberto Bobbio no núcleo familiar, cujos membros demonstraram estar presentes no dia a dia de sua infância, permitindo que ele, ao longo de sua existência, não perdesse jamais a dimensão (que estimara desde tenra idade), dos problemas sociais, procurando soluções que somente poderiam emanar do vasto campo filosófico da vida. Quanto Norberto Bobbio se empenhou para lançar clareza sobre tantos pontos que os homens discutem ainda mergulhados no escuro!

“Um de seus amigos, Cesare Pavese, (...) poeta e prosador entre os maiores da época, (...) aprendera o inglês, e não o grego, então lecionado no liceu clássico. Ao saber que Norberto Bobbio havia iniciado, por conta própria, o estudo do inglês, colocou-se à disposição dele para a leitura de alguns clássicos ingleses.”



Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

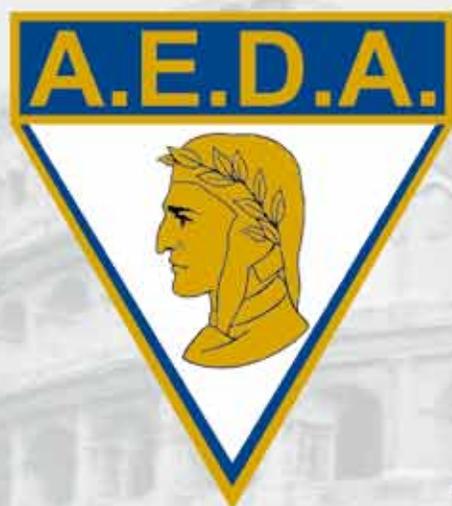
Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão



ASSOCIAÇÃO DOS EX-ALUNOS DO COLÉGIO DANTE ALIGHIERI

Al. Jaú, 1.135 - Cerqueira Cesar - Cep: 01420-001 - Telefone: (11) 3284-6011

www.aeda.com.br aeda@aeda.com.br

A pequena e refinada Mococa

Dos teatros de ópera aos monumentos de um mestre da escultura, a imigração italiana deu a uma pequena cidade do interior de São Paulo sofisticadas de uma metrópole

Texto e fotos Peri de Castro

Sob o sol forte do começo de tarde, um casal de namorados caminha de mãos dadas em busca de sombra. Um grupo de senhores joga conversa fora, nos bancos em frente ao parquinho. Um vira-lata se esparrama no chão do coreto, indiferente aos três garotos que praticam manobras de skate logo ao lado. A Praça Marechal Deodoro, em Mococa, a 266 quilômetros da capital paulista, tem igreja, sorveteria e todas as cenas que se costuma ver na praça central de uma cidade com cerca de 70 mil habitantes. Mas ela exibe uma preciosidade difícil de encontrar até mesmo em metrópoles: diante de um espelho d'água, recostada de maneira elegante, descansa "A Mulher de Mococa", monumento em bronze elaborado por Bruno Giorgi, um dos mais reconhecidos escultores que o Brasil já teve. Uma caminhada de dois quarteirões leva a outra obra do artista, "Fundadores de Mococa", no centro de um jardim da Praça Epitácio Pessoa. Em meio ao vaivém tranquilo dos moradores, já acostumados com a estátua, ela atrai menos olhares do que o furgão de cachorro-quente, mas nem por isso deixa de ser uma raridade. No país, apenas capitais como



Os visitantes de Mococa não devem se iludir com o clima tranquilo e outras características comuns a toda cidade interiorana: é um município fortemente influenciado pela cultura italiana por conta da imigração, possuindo construções elegantes de arquitetos vindos da Itália

São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília também contam com criações de Giorgi fora de um museu.

Em Mococa, os monumentos foram uma doação do escultor à cidade onde nasceu. Os pais dele, como tantos outros italianos, foram atraídos à região pela riqueza do café. A família se

mudou de volta para a Europa quando Giorgi ainda era criança, mas as homenagens do artista à terra onde viveu seus primeiros anos tornaram-se o exemplo mais visível de como a imigração italiana fez chegar a Mococa requintes de cidade grande.

As primeiras levas de imigrantes chegaram à região em 1890, quando uma estação de trem em Mococa passou a integrar as fazendas locais à estrada de ferro Mogiana – a via mais importante de escoamento do café do norte paulista. Enquanto alguns trens saíam da cidade carregados de sacas de grão, outros retornavam lotados de italianos dispostos a trabalhar na lavoura. Nas conversas entre os lavradores, dava para ouvir dialetos e sotaques de norte a sul do país mediterrâneo,

mas o de uma cidade em particular predominava. Por causa de um enorme terremoto, ao qual se seguiu, após 50 anos, um forte deslizamento de terra, boa parte dos moradores de Montemurro, na região sulista da Basilicata, se viu obrigada a buscar, ao longo de décadas, sobrevivência em outros lugares. Alguns pioneiros se instalaram em Mococa e chamaram os familiares, que, por sua vez, foram convidando outros conhecidos a se mudar. Logo estava formada no interior paulista uma reprodução em pequena escala do que havia sido a cidade antes das tragédias, com jantares regados a sopa, pão e música alta.

Também os italianos que trabalhavam na zona urbana encontravam formas de se lembrar da vida que tinham antes de vir ao Brasil. A

comunidade se reunia na *Societá Operaia di Mutuo Soccorso Nuova Italia*, no centro da cidade, para dançar, jogar bocha ou carteadado. Informalmente, os frequentadores chamavam a associação de *Doppo Lavoro* (depois do trabalho) e esperavam ansiosamente pelos dias de baile. Entre uma festa e outra, a rotina era de trabalho pesado em açougues, vendas e marcenarias. Na década de 1890, ainda no começo da imigração, já havia 42 armazéns em Mococa sob a administração de italianos. Experientes no comércio, os donos de alguns armarinhos levavam à cidade produtos sofisticados, antes restritos às maiores cidades do estado. Era em lojas como a “Demasi” ou a “Rossetti” que as mulheres dos fazendeiros abasteciam suas casas com pratarias portuguesas, porcelanas de Limoges e cristais Baccarat, ambos

renomados artigos franceses.

Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX, os cafeicultores experimentavam o auge da pujança econômica, motivo pelo qual demonstrar refinamento na vida doméstica fazia parte das extravagâncias permitidas a eles. Melhorar as construções onde moravam também entrou na lista de desejos dos abastados. Nessa tarefa, outros italianos tiveram papel importante. Em 1910, o arquiteto Gherardo Bozzani, nascido em Parma, chegou a Mococa para projetar e construir a Igreja Nossa Senhora do Rosário, a pedido de uma família rica da região. Tão logo ele terminasse a obra, poderia partir, mas o entusiasmo da aristocracia local com as linhas da nova igreja encheu o arquiteto de encomendas. Bozzani agradava aos cafeicultores por ser formado em Milão e dominar os estilos em moda na Europa: o neoclássico e o *art nouveau*. Seus projetos deram ao centro da cidade uma feição europeia, semelhante à reproduzida em algumas construções paulistas. Na Praça Marechal Deodoro,



O arquiteto Gherardo Bozzani chegou da Itália, em 1910, para projetar a igreja do Rosário. Mas o sucesso de seu trabalho foi tanto que seus traços acabaram se espalhando por outras construções da cidade



O filho mais ilustre de Mococa é o escultor Bruno Giorgi. Acima, duas de suas obras: Fundadores de Mococa (que está na Praça Epitácio Pessoa), na qual Giorgi desejou representar os três pilares da fundação da cidade: o imigrante italiano, o caboclo e o fazendeiro; e Candangos (que fica na entrada da cidade)

conhecida como praça da matriz, onde hoje se encontra a “Mulher de Mococa”, é difícil não se surpreender com a sequência de casarões quase centenários. A conservação é impecável. Os moradores, alguns descendentes dos primeiros proprietários, raramente se deixam ser vistos nos grandes alpendres ou nos jardins generosos, mas ainda não esconderam as casas atrás de grades, o que facilita a observação das fachadas cobertas de detalhes. Uma das mais bonitas projetadas por Bozzani toma proporcionalmente toda a esquina e exibe janelas à altura dos olhos do pedestre. Acima delas, compridos janelões adornados por murais vazados abrem a casa para o exterior. No alto, entalhes

de rostos masculinos e femininos, ladeados por flores e folhas em alto relevo, encorajam quem ali passeia a parar e olhar para cima por alguns minutos. Para alguém acostumado à São Paulo antiga, as máscaras clássicas, usadas em outras obras de Bozzani, lembram as do Teatro Municipal ou as do Mercado, projetados por Ramos de Azevedo no mesmo período. Mais tarde, mestres de obra compatriotas de Bozzani passaram a imitar suas técnicas e a receber encomendas de famílias um pouco menos abastadas. A paisagem urbana de Mococa acabou permeada de construções



Até hoje, as fachadas dos estabelecimentos comerciais de Mococa denunciam a nacionalidade dos imigrantes que participaram da consolidação do município





**As casas das famílias mais ricas
construídas na época da imigração ainda
mantêm traços arquitetônicos sofisticados**

no estilo de Bozzani. Ele próprio estendeu sua permanência por mais de vinte anos, teve filhos na cidade e assinou projetos de prédios públicos importantes, como a Santa Casa de Misericórdia e o pórtico do Cemitério Municipal.

Esta última obra dá pistas de como a sociedade mocoquense valorizava o local onde enterrava os mortos. Assim como a cidade dos vivos, a dos finados ganhou contornos mais complexos pelas mãos dos italianos. A maioria dos imigrantes carregava a tradição de visitar com muita frequência o túmulo de parentes. Demonstrar fervor católico no cemitério era tão necessário quanto na igreja e, por isso, uma profusão de anjos e santos de mármore decora as alamedas. Um número incomum de estátuas em vestes greco-romanas denuncia que a influência neoclássica, frequente nas casas, também dava o tom das obras fúnebres – afinal, os artesãos locais tinham vindo do país de Dante Alighieri. Já as famílias ricas importavam da Itália peças inteiras esculpidas em mármore de Carrara.

Outra forma peculiar de mostrar devoção ao catolicismo era a participação intensa dos fazendeiros no concurso para escolher o café que seria doado ao Vaticano como prova de fé dos paulistas. As casas comissárias de Santos selecionavam amostras de todo o estado e enviavam à Europa 50 sacas do grão de melhor qualidade. O produto colhido em Mococa foi campeão por diversas vezes. Os títulos alimentavam o orgulho dos fazendeiros e

atraíam compradores como Ferdinando Giorgi, um ex-cônsul da Itália em Santos, que resolveu mudar de ramo e passou a atuar no comércio de café. De tempos em tempos, ele passava temporadas na cidade e, numa das viagens, levou a mulher para lá. Pouco depois, ela ficou grávida e deu à luz o menino Bruno Giorgi, em agosto de 1905. O garoto, que viria a ser o filho mais conhecido de Mococa, foi para a Itália, com os pais, em 1911, e só voltou 72 anos depois, já consagrado como figura fundamental da escultura brasileira no século XX.

Um filho querido se rende a Mococa

Bruno teve formação artística e humanística intensa, primeiro em Roma, onde estudou desenho, depois em Paris. Foi na capital francesa que ele mergulhou no estudo das técnicas de escultura e desenvolveu suas habilidades. Teve contato com artistas e políticos, envolveu-se em movimentos antifascistas e, por isso, acabou condenado a sete anos de prisão na ilha de Ponza, próximo a Nápoles. A pedido do embaixador do Brasil na Itália, foi libertado após quatro anos de pena e, após uma passagem breve por São Paulo, emigrou para a França. Mesmo em outro país, insuflou artistas europeus contra o fascismo e se ligou a grupos respeitados de pintura e escultura. Teve contato com o inglês Henry Moore e tornou-se aluno do francês Aristide Maillol, dois dos principais escultores do mundo naquele período. Essa longa experiência no exterior ajudou o brasileiro a desenvolver uma obra figurativa vigorosa, de traços mais clássicos, típicos de sua primeira fase. Eram esculturas em



Nas igrejas, a influência europeia está não só na arquitetura, mas também nos detalhes internos

que a representação do corpo aparecia de forma clara, evidente, até mesmo sensual. Temas sociais também despontavam com frequência e refletiam a politização da própria vida do artista. No entanto, a trajetória de Giorgi mudou bastante com o retorno ao Brasil em 1939 – pressionado a isso pela iminência da 2ª Guerra Mundial. Em São Paulo, o escultor se juntou ao Grupo Santa Helena e à Família Artística Paulista. O convívio aprofundou suas experimentações. A convite de Gustavo Capanema, ministro da Educação na ditadura de Getúlio Vargas, mudou-se em seguida para o Rio de Janeiro, depois de ter vencido um concurso para criar o “Monumento à Juventude Brasileira” nos jardins do Ministério da Educação e Saúde, no centro do Rio. A obra tornou-o conhecido e contribuiu para que ele se fixasse na capital federal.

Quando Bruno começava a experimentar a fama, um mocoquense cruzou seu caminho e deu início à reaproximação do artista com a cidade onde nascera. O jovem Carlos Alberto Paladini tinha ido ao Rio para estudar na Escola Nacional de Belas Artes. Um dia visitou uma exposição de Giorgi e, ao ver o artista, apresentou-se e contou que era seu conterrâneo. Ganhou um abraço, engatou uma conversa e logo os dois ficaram amigos.

“Muitos anos depois, eu disse a ele que não concordava com uma entrevista dele à revista *Manchete*, em que ele dizia ser de Mococa, a Cidade Encanto. Se desde criança ele nunca tinha voltado para lá, como podia saber que era a Cidade Encanto?”, diverte-se Paladini, fazendo referência ao apelido criado pelos moradores mais velhos.

Artista plástico, historiador e autor de um livro sobre a comunidade italiana em Mococa, ele se lembra de Bruno como um defensor contundente das próprias posições políticas, mas tranquilo no jeito de contar histórias. Sempre que se encontravam, Paladini insistia para que o amigo fosse visitar a cidade de ambos. A campanha pessoal deu resultado só em 1983, quando Giorgi



O também artista e amigo de Giorgi, Carlos Alberto Paladini, insistiu para que o escultor voltasse a Mococa, depois de anos vivendo em São Paulo e no Rio de Janeiro. Em 1983, a visita aconteceu

e a mulher, a portuguesa Leontina, passaram alguns dias na região. O casal se hospedou no local em que um dia funcionara o Hotel Terraço, onde Bruno havia nascido 76 anos antes. Todos os dias, Paladini encontrava-os de manhã na porta do hotel e os levava para caminhar. Num desses passeios, depois de terem lentamente percorrido a praça matriz, com suas árvores antigas e seus casarões luxuosos, Giorgi deixou escapar a confissão de que o amigo estava certo.

“Ele disse ‘escuta uma coisa, uma cidade que tem uma praça como esta, um coreto como este e uma banda centenária como a Filarmônica só pode ser a Cidade Encanto!’”, afirma Paladini, sem esconder um certo orgulho.

Leontina, a mulher de Giorgi, lembra da emoção do escultor ao rever a cidade. “Quando ele saiu do país, Mococa ficou para ele como uma raiz, era a referência dele do que era o Brasil. Foi um retorno importante”, conta.

Ela diz que a ligação com a cidade resistiu inclusive à mudança para o Rio de Janeiro. “Ele começou a torcer pelo Bangu só porque um dos jogadores do time tinha o apelido de Mococa”, diverte-se.

Em outro passeio, dessa vez pela Praça Epitácio Pessoa, surgiu a inspiração de Bruno para a escultura “Fundadores de Mococa”. Os dois artistas estavam parados numa ponta da praça, de frente para o local onde a cidade havia sido fundada, e conversavam sobre a história da região. Giorgi foi criando na cabeça o plano inicial para uma escultura com os três pilares da fundação da cidade. Ele queria incluir o caboclo, o fazendeiro e o imigrante italiano. Quando voltou ao Rio, modelou em gesso a escultura, como fazia antes de esculpir o bronze, e ligou para o amigo.

“Ele disse para eu dar uma chegada ao Rio de Janeiro e ver se eu estava gostando da escultura, imagina!”, diverte-se Paladini.

Concluída em 1987, a obra foi instalada no local imaginado por Giorgi. Assim como “A Mulher de Mococa”, ela evidencia um dos papéis mais importantes do artista no cenário brasileiro, o de tornar visível a escultura monumental, pensada para o espaço público. Os trabalhos também apontam para a capacidade do artista em não se restringir a um único movimento. Dos anos 50 aos 70, por exemplo, Giorgi atravessou duas fases bastante diferentes da inicial, focadas na simplificação e na distorção da forma. Isso fica evidente em figuras como “Meteteoro”, uma das suas obras-primas, elaborada para o espelho d’água do Palácio do Itamaraty, em Brasília. Mais adiante,

porém, ele retomou características da primeira fase. Para Marcos Morais, mocoquense e coordenador do curso de Educação Artística da Faculdade de Artes Plásticas da Faap (Fundação Armando Álvares Penteado), as peças expostas na cidade onde o



Mais um símbolo do esmero dos imigrantes em dar à cidade um ar europeu é o Cine Theatro Central (hoje Teatro Municipal), erguido em 1925

artista nasceu mostram o retorno a questões sociais presentes em trabalhos anteriores, como a maternidade e o papel da mulher.

“É evidente um olhar sobre os mesmos temas, mas ele não volta simplesmente à figuração. A representação fica mais suavizada, distorcida”, explica o professor.

Mococa se rende a um filho querido

Em frente à “Mulher de Mococa”, e com fachada em estilo neoclássico, um prédio de 1925 resiste como evidência de outro requinte ligado à imigração. O Cine Theatro Central, hoje Teatro Municipal, era um dos três espaços onde



A Filarmônica toca aos domingos na praça principal. Nas décadas que se seguiram imediatamente à imigração, o repertório era rico em operetas. “Saía briga quando alguém criticava uma música que a italianada gostava de ouvir. Eles diziam ‘você não tem alma, não tem coração’”, lembra Carlos Spina, atual maestro da orquestra

grupos nacionais e internacionais de teatro se apresentavam na cidade, tradição que se firmara desde o fim do século XIX. Ele tinha uma ampla divisão interna, com frisas, camarotes, galeria e espaçosos camarins. Junto ao palco, havia uma tela, que permitia aproveitar o espaço também como cinema. Simultaneamente ao Central, funcionava em Mococa o Teatro Variedades, ainda mais antigo e luxuoso. Os grã-finos da região acomodavam-se em cadeiras austríacas para assistir a atrações como a Companhia Italiana de Operetas e a Companhia Dramática Italiana. O próprio responsável pela construção do teatro, Pasquale Luigi Gagliardi, era italiano - nascido justamente em Verona, cenário para uma das peças mais conhecidas de todos os tempos, “Romeu e Julieta”. Por fim, o público era composto em boa parte por imigrantes, que representavam 40% da população e adoravam uma boa ópera. Antes mesmo de o Teatro Variedades existir, Mococa já recebia espetáculos desse tipo, no primeiro grande teatro da cidade, o São Sebastião. Companhias do Brasil ou da Itália que se apresentavam em São Paulo e Campinas faziam também uma parada em Mococa.

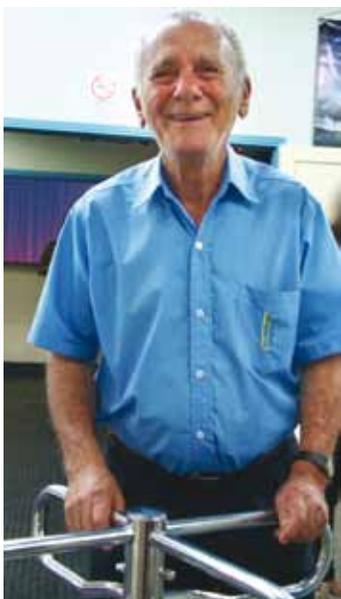
Com o passar do tempo, a ópera ganhou ainda mais espaço. Graças à banda que também encantou Bruno Giorgi, a tal Filarmônica de Mococa, apresentações de música clássica e popular eram feitas no meio da Praça Marechal

Deodoro. O repertório precisava incluir algumas operetas para fazer sucesso.

“Saía briga quando alguém criticava uma música que a italianada gostava de ouvir. Eles diziam ‘você não tem alma, não tem coração’”, lembra Carlos Spina, atual maestro da Filarmônica. Dos seus 79 anos de vida, ele passou 68 como integrante da orquestra. Assumiu a regência há 25 anos e deu impulso a uma escola de música que forma membros para a banda. Nos fins de semana, ele repassa o programa das apresentações num salão já apertado para os 27 integrantes, sem falar no espaço dominado pela tuba. Apesar do nome pomposo e dos 118 anos de fundação, a Filarmônica Mocoquense transita por um repertório descontraído de dobrados, valsas e marchinhas. Os músicos têm em sua maioria vinte e poucos anos, trabalham e estudam, e ainda ganham uma ajuda de custo para se dedicar à orquestra algumas horas por semana. Quando eles ensaiam, a porta do salão fica aberta para a rua, e quem

passa vai encostando-se nos cantinhos para ouvir em primeira mão o que eles vão tocar às 8 horas da noite de domingo, no coreto da praça. O horário é calculado para não concorrer com a missa da igreja matriz, uma hora antes.

Ainda assim, há quem prefira aproveitar outra atração da cidade, o Cine Mococa. Instalado há cinquenta anos numa travessa da praça principal, ele resiste à redução de público que obrigou os cinemas de cidades vizinhas a fecharem ou a se fragmentarem em espaços menores. A única sala do Cine Mococa conta com 700 lugares (quase três vezes a capacidade de uma sala média de shopping) e um telão de 18 metros de largura. Ele conserva também o charme dos antigos cinemas de rua. A fachada e o luminoso da entrada são tão típicos da época, que a sensação é a de estar diante de um cenário. Painéis de Carlos Alberto Paladini, o artista amigo de Bruno Giorgi, decoram as paredes da enorme sala de exibição e, nas catracas, o homem que fez parte da fundação do local ainda recebe, um a um, os espectadores. José Antonio Lippi é testemunha de mais um requinte de metrópole na cidade interiorana. Seu primeiro trabalho em meio a ingressos e rolos de filmes foi no Cine Central. Quando este fechou e a cidade ficou sem cinema, o padre Haroldo Ribeiro reuniu fazendeiros da região e os convenceu a financiar um projeto ambicioso. A nova sala deveria ter o porte e a elegância das que existiam na capital.



O Cine Mococa, que já foi um dos maiores do estado, hoje resiste com dificuldades à vertiginosa redução de público. José Antonio Lippi é o operador desde a fundação, há 50 anos

De fato, quando o Cine Mococa foi inaugurado, era um dos maiores do estado. Lippi logo foi chamado para ser o operador e o responsável pelo equipamento de projeção. Enquanto montava os filmes e manejava dois projetores a carvão da marca francesa Simplex, ele aproveitava para dar uma espiada no comportamento da plateia. Em sessões de comédias do Mazzaropi, sabia que a sala ia lotar. Os filmes italianos também enchiam a casa e rendiam uma cena curiosa. Boa parte da plateia, nesses dias, era formada por famílias de imigrantes e descendentes. Em alguns trechos, eles morriam de rir, enquanto os brasileiros olhavam sérios para eles, sem entender por que riam.

“Os italianos diziam que os filmes eram cheios de palavrões que não apareciam na legenda em português. Eles entendiam o que cada um significava, mas os brasileiros, não”, conta Lippi.

Ele também não ousava discutir sobre a beleza das atrizes. Sabia que a preferência geral era pela italiana Sophia Loren, mas, discretamente, ele admirava mesmo eram os olhos de Elizabeth Taylor.

Embora revelasse algumas diferenças entre italianos e brasileiros, o Cine Mococa ficou na memória de alguns como o primeiro onde ricos e pobres da cidade sentavam-se lado a lado. Nos cinemas e teatros mais antigos, os espectadores sabiam, implicitamente, que as fileiras da direita eram para os endinheirados. Os espectadores mais humildes ocupavam só as frisas ou a geral.

“Eu era da turma dos descalços, por isso, tinha vergonha de sentar ao lado dos ricos. Existia uma discriminação social terrível em Mococa”, conta Mario Zamarian, morador da cidade há 72 anos. Filho de italianos de Montemurro, Mario ajudava na fabriqueta de artigos de couro da família e, ironicamente, não tinha muito dinheiro para sapatos novos. Os chicotes e tranças de couro dos Zamarian aos poucos conquistaram clientela, e a família foi melhorando de vida. Passaram a vender maletas e fizeram ainda

mais sucesso. Mario estudou, tornou-se jornalista e escreveu para publicações como os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Após décadas de carreira, assinou um livro de “causos” sobre Mococa. No dia do lançamento, a Filarmônica



Mario Zamarian, filho de italianos e morador de Mococa, tornou-se um de seus cronistas lançando um livro de “causos” sobre a cidade. Sua família produzia artigos de couro, como a maleta que ele segura, na foto

Mocoquense estava na porta da Biblioteca Municipal, pronta para tocar em sua homenagem. “Senti uma emoção forte desde aquele momento”, ele relembra. Quando entrou na biblioteca, a sala estava lotada de amigos. Recebeu uma salva de palmas, abraços e carinhos sem ter fim. Durante a festa, mais de 300 pessoas apareceram para cumprimentá-lo. Dono de uma das típicas histórias de superação, comuns a tantas famílias de imigrantes, o cronista de Mococa tornou-se um dos melhores personagens da cidade.

O pintor da técnica e das sensações

A obra de Giorgio Morandi, artista que valorizava mais a linguagem do que o tema de suas pinturas, ficou marcada pelas naturezas-mortas mais vívidas da história da arte

Por Camila Mendonça

No quarto de uma casa simples, na pacata cidade de Bolonha do início do século XX, um homem pintava imagens de vasos, garrafas e jarras. Apesar de representarem itens em princípio irrelevantes, os quadros de Giorgio Morandi revelavam traços que marcariam a história da arte italiana.

“Para Morandi, o problema da pintura moderna não era o tema, mas a linguagem”, afirma Luciano Migliaccio, doutor em História Medieval e Moderna e professor de História da Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP. De acordo com Migliaccio, para o pintor bolonhês não importava o que estava sendo pintado – se

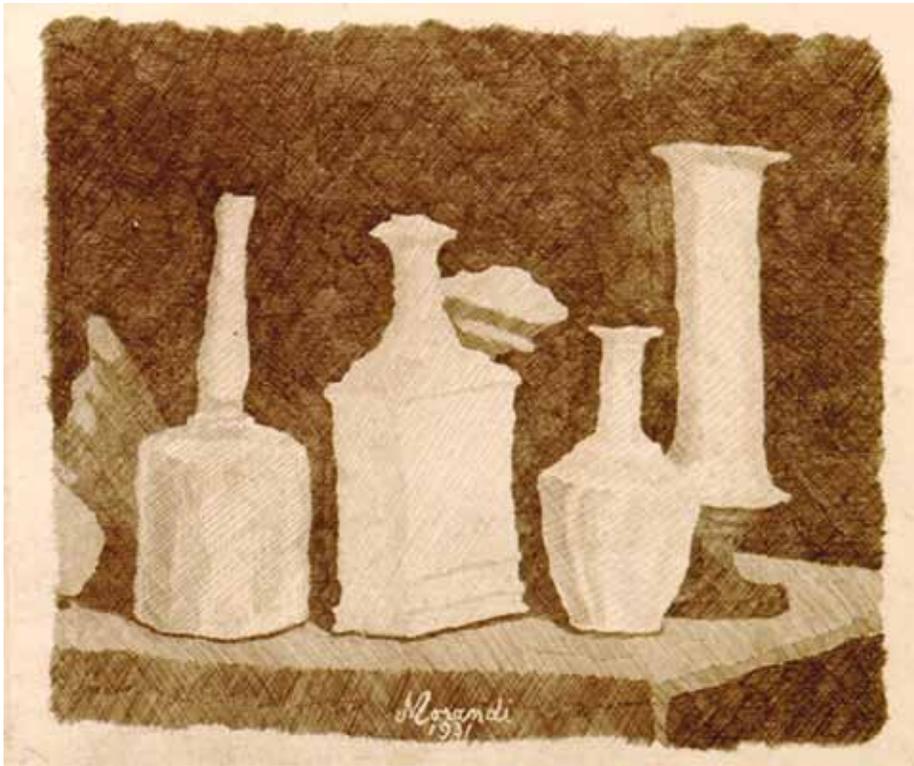
vasos, plantas, cenas ou retratos –, mas como esses elementos eram colocados na tela, ou seja, como as técnicas eram usadas em cada traço.

A natureza-morta está presente em grande parte das obras que Morandi produziu entre 1911 e 1964. Antes de descobri-la, porém, o artista havia pintado paisagens. Grande parte dessa produção nascente teria sido destruída por ele mesmo – atitude normal, parte do processo de criação de muitos artistas que não gostam do que veem na tela. Morandi foi também gravurista. Mas mesmo nessas obras, seus vasos e copos estavam presentes.

Na tela, o que diferencia a natureza-morta de Morandi da de outros artistas é o diálogo mantido com os objetos. Por meio dessa “conversa”, o artista conseguia passar para o quadro algo além da representação pura e simples. Para ele, era preciso enxergar esses objetos além das curvas simples, explorando-lhes não as medidas precisas, mas as sensações que eles nos passam quando estão cheios, vazios, translúcidos, opacos, transparentes. “Um grande pintor de natureza-morta holandês do século XVII (auge desse gênero de pintura) busca a reprodução exata daquele objeto, um fingimento da realidade. Morandi, não”, analisa Migliaccio.



Natura morta, 1956
Museo Morandi - Bolonha



Sem título, 1931
Divulgação MAC USP

Nesse sentido, Morandi se opunha à representação de formas facilmente reconhecíveis, buscando na interação entre a materialidade e a subjetividade o mobilizador das suas emoções. Para ele, sem essa interação, sem esse diálogo – que é uma observação incansável e atenta desses objetos –, não havia como explorar as sensações.

Técnica peculiar

Para ser considerado um dos principais pintores italianos da história, Morandi seguiu uma trajetória peculiar. Em contraste com a origem de muitos artistas, sua infância não foi difícil e sua família não impôs obstáculos para que ele se dedicasse à arte. Também contrariando o caminho de tantos pares, o bolonhês conseguiu reconhecimento e fama ainda em vida.

Nascido em 1890, Morandi viveu longamente com os pais e as três irmãs. Aos 17 anos, entrou para a Academia de Belas Artes de Bolonha, onde estudou até 1913. Foi nela que o artista aprendeu as técnicas consagradas pela tradição, exercitou o olhar e conheceu alguns pintores que o influenciariam mais tarde.

Com efeito, influências não faltaram ao artista bolonhês: Giotto, Uccello, Caravaggio, Picasso,

Braque e, principalmente, Cézanne encantaram Morandi. Ainda na Academia, o artista pôde admirar-lhes as obras e visitar as bienais que ocorriam na Itália. Em 1911, viu, pela primeira vez, uma obra original de Monet, na Exposição Internacional de Roma.

As pinceladas do artista começaram a mudar quando, em 1913, ele assistiu a uma reunião do Sarau Futurista, movimento vanguardista que, prezando temas como a velocidade e certos abstracionismos, identifica como seu fundador o poeta Fillippo Marinetti, autor do *Manifesto Futurista*, publicado em 1909. Mais tarde, na primeira exposição da pintura futurista, realizada em 1914, em Florença, Morandi conheceu Carlo Carrà – que definitivamente mudaria o olhar do artista.

Carrà, ao lado de Giorgio de Chirico, lançou as bases do Movimento Metafísico, que, embora tivesse orientado Morandi de volta ao passado, o fez tão moderno quanto o são aqueles que pintaram sob a égide do Futurismo. Enquanto o Futurismo rejeitava os padrões estéticos oitocentistas em busca de uma estética que valorizava a aceleração do tempo, o Movimento Metafísico negava todas as soluções formais de vanguarda. Migliaccio explica que a leitura mais comum que se faz da arte metafísica é a de uma pintura onírica, que antecipa em certa medida o Surrealismo.

Morandi teve uma participação muito breve na corrente artística liderada por Carrà. “Ele nunca tomou uma posição no sentido de apoiar abertamente os ideais”, afirma o professor. De Chirico também foi fundador e promotor de uma revista chamada *Valori Plastici*, publicação que, segundo Migliaccio, postulava a reinterpretação do significado técnico da pintura. De certa forma, a obra de Morandi alia a visão metafísica do objeto a essa reinterpretação da técnica.

No ambiente acadêmico, essa mudança de percepção causou problemas para o pintor. Morandi chegou a discutir com os professores, que, na visão do artista, eram tradicionais demais

e um tanto retrógrados. Na revista *L' Assalto*, para a qual escreveu uma pequena autobiografia, em 1928, Morandi expressa claramente essa aversão. “Aprendi muito pouco do que realmente é necessário para a minha arte.” O artista sentia a necessidade de renovação, mas ao mesmo tempo não queria abandonar as raízes técnicas da pintura, a essência, para ele, de seu trabalho.

Morandi busca um diálogo aberto, nu, e demonstra isso apenas com a sensação visual. Para tanto, o artista tem na cor, na luz, na superfície e no espaço seus principais elementos. “Ele não quer falar de política, de literatura, de psicologia, ele quer falar da pintura e a única língua da pintura é a cor”, observa Migliaccio. Ao que tudo indica, foi essa “conversa” entre os quatro cantos do quadro que fez de Morandi um dos principais pintores da Itália.

Uma vida discreta por trás da tela

Bem antes de seu ingresso na Academia, e do reconhecimento universal de suas obras, Morandi foi uma criança comum, com a diferença de ter sido movido, desde cedo, pelo amor à arte, como ele mesmo disse para a revista *L' Assalto*: “Minha grande paixão pela pintura surgiu quando eu ainda era um menino, uma paixão que, com o passar dos anos, tornou-se ainda mais forte, e que me fez sentir a necessidade de me dedicar a ela inteiramente.”



Fiori, 1950
Museo Morandi - Bolonha

De sua vida pessoal, porém, pouco se sabe. Serviu pela Itália na Primeira Guerra Mundial, mas voltou logo por ter se ferido. O artista também sentiu os efeitos da Segunda Guerra e foi obrigado a deixar Bolonha, em 1943, e a se refugiar na casa de verão da família, em Grizzana, nos Apeninos, onde ficou até julho de 1944. Nesse período, dedicou seu tempo a pintar paisagens.



Natura morta, 1958
Museo Morandi - Bolonha

De 1914 a 1930, o artista passou a dar aulas no ensino primário de Bolonha e, de 1930 a 1956, a lecionar técnicas de gravura na Academia de Artes da mesma cidade. Morandi sempre foi um homem reservado e, ao menos aparentemente, arredio a tudo o que lhe era externo. As mudanças políticas e sociais da Itália, como a chegada de Mussolini ao poder em 1922, ganharam em sua pintura representações simbólicas, seja pela variação dos tons ou pela gradação da luz. Essas nuances poderiam comportar maior ou menor sombreamento, dependendo da maneira como o artista enxergava cada uma delas. Tais manifestações críticas, porém, se limitavam aos marcos de suas obras, não encontrando expressão nos contornos do discurso ou da voz.

Para o professor Migliaccio, esse silêncio de Morandi diz muito. “Ele não abdicou da vida pessoal, embora nunca desse abertura para que os outros conhecessem quem ele realmente era. Por outro lado, eu acredito que a biografia dele não tem importância. A vida dele é a arte, a vida dele é a pintura”, ressalta.

Tanta dedicação levou uma ala da crítica cultural fascista, já na década de 1930, a elevá-lo como o maior artista italiano – e o mais italiano de todos os artistas. A leitura de Roberto Longui, grande historiador da arte italiana, não é diferente. Durante palestra realizada na Universidade de Bolonha, em 1934, Longui afirmou que Morandi era “um dos melhores pintores vivos da Itália”.



Paesaggio, 1962
Museo Morandi - Bolonha

Não demorou muito para que as obras do artista cruzassem os oceanos e chegassem aos espaços de arte mais importantes e reconhecidos do mundo, como os de Paris, São Francisco, Londres e Nova York – sem contar as inúmeras exposições realizadas em solo italiano. Porém, apenas as obras viajaram. Morandi deixou a Itália apenas duas vezes, para assistir a exposições na Suíça e na Alemanha.

No Brasil, o artista expôs em três das quatro primeiras Bienais Internacionais realizadas em São Paulo – em 1951, 1953 e 1957. Muitos prêmios e menções honrosas lhe foram concedidos por órgãos e instituições brasileiras. Por aqui, ainda, não surgiram opositores à sua obra, sendo bem aceita desde o início.

Em 2006, aqueles que entraram na Pinacoteca de São Paulo para conferir a exposição de Morandi conseguiram ter uma pequena ideia dessa aceitação. O crítico de arte Renato Miracco e a diretora da Fundação de Estudos da História da Arte Roberto Longui, de Florença, Maria Cristina Bandeira, curadores da exposição, assim apresentaram o artista: “O artista resgata a vida silenciosa da matéria inanimada, transmitindo em cada obra a sensação de que se está diante de algo único e absoluto. Morandi conserva a permanente alusão a uma realidade que está além das aparências. Para ele, o importante é ‘ir até o fim, até o âmago das coisas’”.

Anos antes de expor pela primeira vez no Brasil, na Bienal de 1951, Morandi já era elogiado por aqui. O crítico de arte Mario Pedrosa escreveu, em 1947, para o jornal *Correio da Manhã*: “O êxito de Morandi só agora começa a generalizar-se um pouco por toda parte. Uma arte tão desnuda e severa quanto a dele é das que demoram em se revelar em todo o seu fascínio. Seu triunfo está assegurado, e o nome do artista será guardado, provavelmente, pelos que vierem depois de nós, como um dos poucos e autênticos mestres de nossa época.”

Em 1964, entretanto, vasos, garrafas e jarros emudeceram-se ante a perda do seu mais fiel ouvinte. Morandi morreria, sem, porém, calar o seu legado: a busca por uma realidade além da aparente. Em Bolonha, local onde nasceu e morreu, seu ateliê foi então reconstruído no palácio municipal da cidade. Lá, é possível ver os objetos que cercavam o artista e que fizeram de sua obra uma das mais importantes da Itália e do mundo.

Herança valiosa

Ítalo-brasileiros tiveram atuação fundamental na consolidação da medicina no Brasil

Por Vivian Almeida Fotos: arquivo pessoal Jorge Michalany

Que os italianos foram e ainda são importantes para a cultura paulistana não é novidade. Mas nem todos conhecem o papel que esses imigrantes e seus descendentes tiveram na história da medicina brasileira. Foi com a ajuda deles que os médicos deixaram de ser vistos como simples profissionais liberais, como eram considerados até o século

XIX. Para se ter uma noção disso, naquela época, os cirurgiões eram classificados como praticantes de uma habilidade de importância semelhante à dos barbeiros. Hoje, a medicina ocupa no país um posto de prestígio e respeito, tratamento há muito dispensado aos seus profissionais em países mais antigos, como a Itália e a França. De fato,



**Turma da Escola Paulista de Medicina de 1937 a 1942:
19 ítalo-brasileiros de um total de 42 estudantes**

os imigrantes italianos, tão bem recebidos pela capital paulista, tiveram papel fundamental nas mais diversas especialidades – da cardiologia à anatomia – utilizando conhecimentos, técnicas e materiais trazidos de sua terra natal.

O anatomista Alfonso Bovero, o nutrólogo Andrea Bottoni e o cirurgião plástico Antonio Carmo Graziosi são representantes de diferentes gerações de profissionais italo-brasileiros que ajudaram a fazer da carreira médica um símbolo de status no Brasil. Suas histórias, assim como as de vários outros, como Euryclides Zerbini e Flamínio Fávero, podem servir de inspiração principalmente para aqueles que desejam atuar na área médica.

Bovero (1871-1937) veio para o país, a convite do professor Arnaldo Vieira de Carvalho e do governo do Estado, para fundar a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo (futura Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo), criada em 1913. Até então, não havia, aqui, um curso que formasse esses profissionais, e todo o conhecimento aplicado na área vinha de pesquisadores de fora. Preparando-se para ocupar a cadeira de anatomia e historiologia, o italiano trouxe consigo um exemplar do primeiro livro de anatomia humana, editado por Andreas Vesalius (1514-1564): o *De Humani Corporis Fabrica*.

Hoje, a obra se encontra no Museu de Anatomia Humana Professor Alfonso Bovero, um dos mais completos do mundo, localizado no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo. Bovero, que viria a se tornar o primeiro professor de medicina da USP, logo acrescentou ao seu pequeno acervo metade de um esqueleto desarticulado, um exemplar

do *Tratado de Anatomia Humana*, de Testut, e uma pequena coleção de peças humanas para demonstração. Com isso, o então Instituto de Anatomia foi transferido para o Instituto Médico Legal em 1924, onde permaneceu até 1931. Depois, mudou-se para o atual prédio da Faculdade de Medicina, na Avenida Doutor Arnaldo, onde permaneceu até 1996, quando foi transferido para o Instituto de Ciências Biomédicas da USP, sua casa até o momento.

Durante todo esse período, Bovero criou um acervo com mais de 800 peças anatômicas, que ajudaram em inúmeras pesquisas então incipientes em nosso país. Mais tarde, outros importantes itens foram acrescentados à coleção. Em 1996, quando ganhou o nome de seu fundador, o acervo alcançou a marca de mil unidades expostas e ganhou uma biblioteca com 2.000 volumes. Nada

mal para quem havia chegado ao país com apenas um livro raro (de anatomia humana) nas mãos.

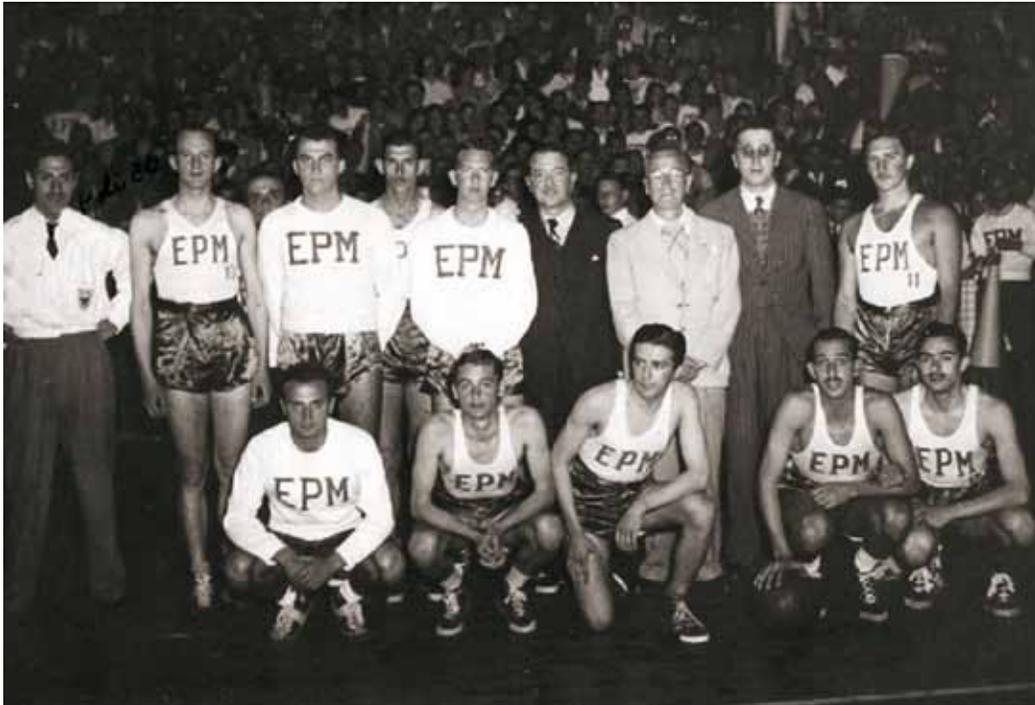
Ao lado de Bovero, vieram para o Brasil, no início do século XX, os também italianos Alessandro Donati, que organizaria a cadeira de patologia geral, e Antonio Carini, que

assumiria a de microbiologia e imunologia. Dessa forma, constituiu-se em São Paulo um núcleo de professores que, aliados a pesquisadores e a outros médicos, criaram a mais importante associação médica de caráter étnico da época, a *Associazione Italiana per lo Studio ed Incremento delle Discipline Mediche*, presidida por Bovero.

Essa associação deu grande impulso ao desenvolvimento da medicina em São Paulo, de que é prova a criação da revista *Ars Médica*, maior veículo de divulgação das atividades científicas do grupo, e constante organização



Bovero, Bottoni e Graziosi (na foto, ao lado do professor Yves Gérard Illouz, inventor da lipoaspiração): três gerações de médicos italo-brasileiros



Até no esporte os ítalo-brasileiros eram maioria na Escola Paulista de Medicina, em 1941: o time de “bola ao cesto” contava com seis deles

de cursos e conferências internacionais. Com a ajuda desses doutores de origem italiana, o Brasil finalmente abandonava sua postura passiva em relação aos avanços na área médica. A associação também organizou a biblioteca médica do hospital Umberto Primo (fundado em 1905 pela comunidade italiana) e se empenhou na construção de um hospital em Capão Bonito, município da região central do estado de São Paulo.

A pesquisadora Maria do Rosário Rolfsen Salles, autora do artigo “Os médicos italianos em São Paulo [1890-1930] - um projeto de ascensão social”, publicado pela Universidade Estadual de Campinas, estudou a inserção dos médicos italianos na sociedade paulistana à época da chamada “Grande Imigração”, período que se estende do fim do século XIX até o fim da década de 1930.

“A inserção profissional se deveu à fase de desenvolvimento da pesquisa e do ensino médico paulistano, salientando-se a participação dos italianos em todos os institutos de pesquisa importantes da época, como Alphonso Splendore [1871-1953]. Diplomado pela Faculdade de Medicina de Roma, ele se transferiu para a capital paulista no começo do século e trabalhou com Adolpho Lutz no Instituto Bacteriológico. Lá,

pesquisavam as causas de várias epidemias e deixaram importantes contribuições à medicina paulista”, avalia Maria do Rosário em sua pesquisa.

Aos 94 anos, o professor Jorge Michalany, autor de livros de anatomia e curador do museu da Associação Paulista de Medicina, que leva o seu nome, recorda-se com carinho dos amigos italianos que fez ao cursar a Escola Paulista de Medicina. Michalany também

morou no Bixiga, bairro conhecido por ser até hoje um reduto de italianos e descendentes.

“É engraçado lembrar dessa época [da imigração]. Muitos italianos vieram para o Brasil e para a Argentina acreditando estar indo para os Estados Unidos. Naqueles tempos, a ideia de América era uma só”, diverte-se. “Logo estavam misturando o italiano com o português e criando um idioma muito particular.”

Embora descendente de sírio-libaneses, Michalany estava tão inserido na comunidade italiana que seu filho, o também médico Nilceo Michalany, e seus três netos estudaram no Dante Alighieri. Entre seus colegas ítalo-brasileiros mais ilustres, ele cita Euryclides de Jesus Zerbini (1912-1993) – pioneiro da cirurgia cardíaca no país e integrante de um importante grupo de médicos do Hospital das Clínicas – e o descendente de italianos Flamínio Fávero (1895-1982), que atuou como diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e foi professor de Medicina Legal da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Fotografias de Bovero, Zerbini, Fávero e outros médicos de ascendência italiana estão reunidas no painel comemorativo “Alguns Médicos Brasileiros de Origem Italiana”, organizado por Michalany e em exposição na sede da Associação Paulista de Medicina (APM), localizada na avenida Brigadeiro Luís Antônio, 278, e aberta

à visitação. Com fotos de 20 profissionais, o painel dirige a homenagem da APM não apenas aos imigrantes italianos, mas aos japoneses e sírio-libaneses, cujos descendentes também se destacaram no cenário médico brasileiro.

Graças ao trabalho de Alfonso Bovero e seus discípulos, na década de 1990, portanto, cinquenta anos após a sua morte, a medicina já era uma carreira de renome no Brasil. Foi quando o italiano Andrea Bottoni se formou no curso de Medicina da Universidade La Sapienza, de Roma. Uma vez no Brasil, ele retomou os estudos na Universidade Federal do Espírito Santo, concluídos em 1996. Mestre e doutor pela Universidade Federal de São Paulo, Bottoni é professor da Faculdade de Medicina da Universidade Mogi das Cruzes, onde é responsável pelas aulas de Gastroenterologia clínica e cirúrgica (referentes à nutrologia).

O professor Liberato João Affonso Di Dio, falecido em 2004, aos 82 anos, é outro ítalo-brasileiro lembrado com carinho pelo seu trabalho. No mesmo ano de sua morte, foi inaugurado um retrato do médico na sala que leva seu nome e onde ele ministrou sua primeira aula, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Ex-catedrático de Anatomia da instituição, bem como da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, Liberato Di Dio é considerado “o pai de todos os anatomistas que estão em exercício em nossa faculdade”, segundo definição do professor Ernesto Lentz. Nascido em São Paulo, Di Dio mudou-se para Belo Horizonte em 1954, quando prestou concurso para a cadeira de Anatomia da Faculdade de Medicina. “Ele tinha uma maneira diferente de ensinar, com grande ênfase na parte prática. Di Dio também impulsionou a atividade de pesquisa em Anatomia, tendo orientado 27 teses durante os dez anos em que aqui lecionou”, recordou Lentz. Di Dio também lecionou nos Estados Unidos, onde foi professor da Universidade de Chicago e idealizador da Faculdade de Medicina de Toledo, em Ohio.

O descendente de italianos Antonio Carmo Graziosi também foi lembrado no painel comemorativo do professor Michalany e, assim como Bottoni, é um dos profissionais de destaque que atuam na área. Formado em 1982, fez estágio com o renomado cirurgião Ivo Pitanguy e estudou nos Estados Unidos, onde atuou na UTI e no departamento de cirurgia plástica das universidades de Miami e de Nova York.



Flamínio Fávero, que foi professor de Medicina Legal do Mackenzie, e Euryclides Zerbini, pioneiro da cirurgia cardíaca no Brasil, também são representantes da classe de médicos ítalo-brasileiros

Hoje, é presidente da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, opera no Hospital Israelita Albert Einstein e é dono de uma clínica. “Tive dois tios italianos que eram médicos e, agora, outras gerações da família resolveram seguir a profissão. Costumo dizer que fiz o caminho inverso. Eu me formei aqui, validei meu diploma na Itália e fiquei trabalhando em Bolonha por dez anos. Depois, como tenho parentes em São Paulo, acabei voltando”, conta Graziosi.

Adepto das novas tecnologias, Graziosi pode ser encontrado na internet, em seu site oficial ou em redes sociais como Facebook, Flickr e Twitter. Além de divulgar o seu trabalho, ele aproveita os recursos da rede para orientar os pacientes, seja explicando-lhes os riscos de uma intervenção cirúrgica, seja discorrendo sobre os benefícios de uma cirurgia plástica.

Para a pesquisadora Maria do Rosário, a herança deixada pelos médicos italianos e seus descendentes é tão forte que jamais será apagada. “É possível encontrar médicos italianos em importantes institutos de pesquisa brasileiros desde o início do processo de imigração de médicos para o Brasil. A pesquisa da febre amarela, assim como as pesquisas do Instituto Pasteur, foram largamente beneficiadas pela presença deles.”

Amadurecer para tornar-se só

Por Luisa Destri



Como o título da obra anuncia, o romance de estreia do jovem físico italiano Paulo Giordano é um livro sobre a solidão – e sobre a possibilidade de nela se descobrirem, apesar dos intransponíveis espaços que separam duas pessoas, a autossuficiência e a satisfação consigo mesmo. Mattia e Alice, os protagonistas,

obedecem, durante toda a trama, à metáfora dos números primos. São, nesse sentido, como o 11 e o 13, ou o 17 e o 19 – primos gêmeos, “casais de números primos que estão lado a lado, ou menos, quase próximos, porque entre eles sempre há um número par, que os impede de tocarem-se verdadeiramente”.

O livro acompanha 24 anos da vida desses jovens: desde o momento em que cada um deles se depara com a própria tragédia – ocasionada pela crueldade peculiar a seus pais e a eles mesmos – até o instante em que conseguem superá-la. Apesar do conforto assegurado por uma identificação silenciosa, Mattia e Alice aprofundam sua solidão justamente

quando o encontro entre os dois, sendo verdadeiro, permitiria a cada um enfrentar seus fantasmas.

Assim, entre 1983 e 2007 se desenhará o percurso ao longo do qual os personagens se tornam rapidamente adultos, mas lentamente maduros. Alice, fotógrafa, tentará sustentar a aparência de normalidade sufocando os indícios de seu desajuste; Mattia, matemático acadêmico, se agarrará ao seu desajuste, intensificando-o como forma de esconder a angústia por não viver na normalidade.

Apesar dos tropeços narrativos e dos descuidos com a linguagem, *A solidão dos números primos* é leitura interessante se encarada como uma história em cujo centro reside a moral sobre escolhas. Dessa forma, o leitor jovem poderá refletir sobre o longo processo no qual se aprende a lidar com a insuperável solidão particular – sendo-lhe fiel sem que isso implique afastar o outro ou mover-se unicamente pelo desejo de vingança ou autopunição.

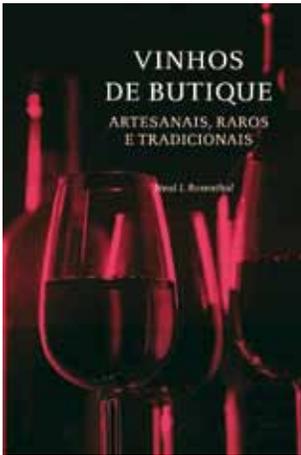
A solidão dos números primos
288 páginas – Rocco

Trecho

“[Alice] Detestava a ideia de que toda atitude sua parecesse sempre tão irremediável, tão definitiva. Na sua cabeça, chamava isso de o peso das consequências, e tinha certeza de que aquilo era mais um dos aspectos obstrutores do pai que, em todos esses anos, enraizara-se em seu cérebro. Ela desejava, com avidez, possuir a despreocupação das meninas da

sua idade, o sentimento vazio de imortalidade. Desejava toda a leveza dos seus quinze anos, mas, na busca por alcançá-la, despertava a fúria com que o tempo de que dispunha se esvaía. Assim, o peso das consequências tornava-se, na verdade, insuportável, e os seus pensamentos se punham a girar cada vez mais velozes, em círculos ainda mais apertados.” (77)

Mais viva enquanto escorre



Neal Rosenthal, proprietário de uma importadora de vinhos nos Estados Unidos, estabeleceu-se no negócio crendo que “os melhores vinhos sempre revelam com orgulho de onde vêm”. Neste *Vinhos de boutique – artesanais, raros e tradicionais*, ele narra sua peregrinação em busca de produtos que

rigorosamente satisfizessem sua máxima.

Rosenthal comercializa o que é conhecido como *estate-bottled*, ou seja, vinhos engarrafados na origem, pelos próprios produtores, e não, como é comum no mercado, os chamados *négociants*, vinhos que em um mesmo rótulo reúnem vindimas de fontes variadas.

Em sua narração, conhecemos regiões como a Úmbria, onde vivem o produtor Paulo Bea e sua família, responsáveis por um Montefalco Rosso Riserva 1985, que encanta Rosenthal por sua qualidade rústica – “como se o cheiro das criaturas da noite, da raposa e do coelho, tivesse sido capturado pela fragrância do vinho” –, algo “ofensivo” a alguns apreciadores da bebida.

Se bem que o relato seja bem conduzido, os momentos excessivamente contaminados pelo entusiasmo do autor podem ser perdoados. Até mesmo porque não se trata aí de preciosismos da enologia – e o leitor, mesmo leigo, pode entrar assim no sedutor mundo dos vinhos.

Vinhos de boutique – artesanais, raros e tradicionais
254 páginas – Larousse do Brasil

Entre o ser e o fazer literário



Publicado na Itália pela primeira vez em 1980, *Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade* reúne ensaios, conferências, artigos e entrevistas produzidos por Ítalo Calvino. Nessa coletânea, vemos um crítico literário preocupado com as relações entre literatura e

sociedade. Calvino se assume como um dos “que não separam seus interesses literários de toda a complexa rede de relações que liga entre si os diversos interesses humanos”.

Assim, embora o Calvino maduro, decidido pela publicação desses textos por considerar-se devidamente afastado deles, recuse a vocação prescritiva de seus escritos, o Calvino de “O miolo do leão” (1955), conferência que abre o livro, chega a postular: “O verdadeiro tema de um romance deverá ser uma definição de nosso tempo [...]; uma imagem que nos explique nossa inserção no mundo.” Do mesmo modo, chega a versar sobre uma poesia que “seria útil hoje”.

Mas sua postura – fundamentada, segundo as próprias palavras, em uma “ambição juvenil” – permanece passível de discussão. Interessa nesta reunião, sobretudo, a possibilidade de iluminar a trajetória do autor – ainda que seu método seja capaz de produzir excelências, como o breve perfil literário “Pavese: ser e fazer”.

Assunto encerrado – discursos sobre literatura e sociedade
384 páginas – Companhia das Letras

Direto de Nápoles, o hip-hop como arma política

Grupo 99 Posse, fundado a partir de um movimento político jovem do sul da Itália, volta à ativa após hiato de sete anos e aponta suas letras combativas contra a classe política do país

Por Daniel Lima

Na terra da ópera e da canção romântica, há também a juventude inconformada, raivosa, rebelde. A trilha sonora da insatisfação desse pessoal dificilmente seria Caruso ou Sergio Endrigo. Para esses jovens italianos, há o 99 Posse, grupo de hip-hop/reggae/rap esquerdista, politizado e agressivo. Depois de quase dez anos sem se apresentar ao vivo ou lançar álbuns, seus integrantes voltam aos palcos para uma turnê 2009/10, ainda mais inflamados por conta da crise financeira recente.

Desde a criação do grupo, em Nápoles, no sul da Itália, o viés político foi o elemento que uniu Luca Zulù Persico, Massimo “Jrm” Jovineon e Marco Messina, núcleo principal do grupo formado na esteira da fundação, em 1991, do “centro social de ocupação autogerida” chamado Oficina 99. O 99 Posse surgiu como braço de expressão artística desse movimento político. E foi naquele mesmo ano que o conjunto lançou seu primeiro single, com as canções “Rafaniello” e “Salario Garantito”.

O primeiro álbum veio em 1993, intitulado *Curre curre guaglió* e lançado de forma independente. A pretensão do grupo, desde o início, era combinar arte com uma observação aguda e crítica da realidade, além de reaproximar a própria cultura local dos meios de divulgação - em algumas faixas,

a banda canta no dialeto falado em Nápoles, postura não muito comum no país, quanto mais no hip-hop. A atitude de confronto surgia também nas capas dos discos: numa etiqueta, o grupo divulgava um “preço sugerido”, e aconselhava que os fãs não pagassem mais do que aquele valor.

Em 1994, o grupo não só lançou um disco duplo ao vivo, *Incredibile opposizione tour 94*, como também inaugurou um selo próprio, o Novenove, dedicado a revelar talentos locais do hip-hop.

Com *Cerco tiempo e Corto circuito*, discos de 1996 e 1998, o grupo começa a chamar a atenção fora do *underground* italiano ao vender 80 mil e 160 mil cópias, respectivamente - números altíssimos para o mercado italiano, ainda mais considerando-se a veia marginal do trabalho do 99 Posse.

A postura de confronto do grupo não se manteve sem consequências. Ao longo da carreira, o 99 Posse já acumula diversos processos criminais, sofridos sob acusações como desacato à autoridade, apologia ao crime e à violência, ocupação ilegal, posse e tráfico de drogas, agressão, entre outras. No entanto, nunca foram condenados por nenhuma dessas acusações.

O grupo lançou seu último álbum de estúdio em 2000, *La vida que vendrá*, mesmo ano em que foi criado o Fórum Social de Gênova, evento que atraiu manifestantes de todo o mundo e do qual o 99 Posse tomou parte. O clima de protestos antiglobalização, não só em Gênova como também em Seattle, nos EUA, influenciou o último trabalho

do grupo, que também enfrentava dificuldades em suas negociações com as gravadoras - o disco foi lançado pela multinacional BMG, mas sob um contrato repleto de restrições para a gravadora, como a proibição do uso das faixas em coletâneas, remixes e comerciais. A parceria, entretanto, não fluiu com tanta tranquilidade: o grupo acusou a gravadora de censurar uma faixa do disco, chamada "L'anguilla", pois ela fazia menção ao político italiano Bettino Craxi, que morrera em 2000. Craxi, líder do Partido Socialista Italiano, fora premiê italiano entre 1983 e 1987, embora enfrentasse acusações, por parte de alas mais radicais do partido, de ser, na verdade, de direita. A gravadora optara por censurar a música sem consultar o grupo.

Outro ponto do acordo com a BMG era a redução do preço de venda do álbum por um valor inferior à média de preço do mercado. A crença do grupo era que o valor cobrado pela música era alto

demais: "Música devia ser um serviço público como as escolas e os hospitais", defendem.

Esse conceito da música reflete a ideologia do grupo, abertamente comunista. Para eles, o comunismo é a ferramenta idealizada pelas pessoas que desejam mudanças no estado de

coisas vigentes. Os integrantes da banda chegaram até a visitar a base do Exército Zapatista, no México, no final dos anos 1990.

Em 2002, o 99 Posse fez sua última apresentação antes de entrar num longo hiato criativo. O retorno, em 2009, veio acompanhado de um manifesto ácido e direto. "O grupo [99 Posse vê a Itália em estado] de emergência democrática e econômica, um país em declínio e onde novas experiências de repressão política alimentam uma sociedade propensa cada vez mais a frequentes episódios de racismo e intolerância."

Sobra até para as gravadoras, acusadas de falharem em "desenvolver novos modelos de negócio alinhados com as novas tecnologias", e para a televisão, tida como veículo que "engana milhares de novos artistas

ao prometer, na melhor das hipóteses, fama passageira e descartável". Com um discurso afiado como esse, o 99 Posse deve fazer ainda muitos estragos e boas batidas.

Gennaro Navarra/Divulgação



Mesmo com a veia marginal de suas composições e de sua postura, o 99 Posse chegou a vender 160 mil cópias do seu disco *Corto Circuito*, de 1998

Versatilidade, bom humor e polêmica

Roberto Benigni, o ator e diretor que ficou mundialmente famoso pelo filme A vida é bela, é amado e odiado pelos italianos

Por Vivian Almeida

Recitar trechos inteiros da *Divina comédia*, do gênio Dante Alighieri, é talvez o mais singelo feito pelo qual Roberto Benigni é lembrado pelos italianos. O dom da improvisação e uma certa onipresença fazem do cineasta, hoje com 57 anos de idade, um dos artistas mais influentes do seu país. Tamanho prestígio, porém, não atenua o contraste de ser odiado e amado na mesma intensidade por seus conterrâneos.

Ator, diretor, humorista, ativista político e, principalmente, polêmico, Benigni foi apresentado tardiamente ao mundo ao receber, em 1999, três Oscars, incluindo o de Melhor Ator, por *A vida é bela* (“*La vita è bella*”), dirigido por ele mesmo.

Não é preciso ser cinéfilo para se recordar da cena. Ao receber a notícia, Benigni, que concorria com Edward Norton e Ian Mckellen, quebrou o protocolo como pôde. Subiu nos encostos das cadeiras, esbarrando a sola dos calçados por cabeças para lá de famosas. Abraçou e beijou meio mundo e fez um discurso caprichando no sotaque

Divulgação



Roberto Benigni, aqui no cartaz do show *Tutto Dante*, foi considerado gênio por Federico Fellini

macarrônico, apesar de saber falar inglês muito bem. Não decepcionou.

Exceção estrangeira congratulada pela academia hollywoodiana, o italiano fez sua festa naquele mesmo ano em que nós, brasileiros, vimos Fernanda Montenegro perder a estatueta para a insossa Gwyneth Paltrow. Baseado nas memórias de seu pai,

A vida é bela rendeu a Benigni sete indicações ao Oscar e uma série de prêmios ao redor do mundo. Traz no enredo um homem espirituoso que se desdobra para que o terror nazista não passe de uma grande brincadeira aos olhos do filho.

A história tragicômica do mestre do humor italiano foi suficiente para que os representantes brasileiros, que também concorriam ao prêmio de Melhor Filme Estrangeiro, com *Central do Brasil*, voltassem para casa com as mãos abanando.

Um dos únicos atores a levar a estatueta de ouro por dirigir a si mesmo (o outro foi Laurence Olivier, com sua versão de *Hamlet*), Roberto Benigni é popular na Itália desde a década de



O filme *A vida é bela*, que Benigni dirigiu, e no qual também atuou, levou 3 Oscars em 1999

1970, quando estreou uma série de televisão chamada “Televacca”, na qual ele imitava e dublava. Por ser extremamente chocante para a época, a atração terminou logo e abriu espaço para que, nos anos 1980, Benigni se consolidasse como um homem de cinema.

Daí em diante, dirigiu *Johnny Stecchino* (1991), seu primeiro sucesso, e a comédia *O monstro* (1994). Ao lado do ator cômico Massimo Troisi, atuou em *Non ci resta che piangere*, uma fábula na qual os protagonistas perseguem Cristóvão Colombo para impedir que ele descubra a América.

Musa inspiradora e mulher de Benigni, Nicoletta Braschi estreou com ele a maioria dos filmes que dirigiu. Na versão que o cineasta produziu do clássico *Pinóquio* (2002), ela era a fada madrinha. Mas a repetição da parceria conjugal não foi suficiente para que o filme decolasse. O longa se converteu em um fracasso na carreira de Benigni, que veio a fazer as pazes com o público há cerca de cinco anos, quando dirigiu *O tigre e a neve*. A obra conta uma história de amor ambientada na Guerra do Iraque. Ali, a vida não é tão bela nem tão engraçada. Quem esperava mais uma dose do filme vencedor do Oscar se decepcionou. Como, no filme, Benigni também atua como diretor e

ator, houve quem o chamasse de egocêntrico, mas a crítica também apontou a maturidade da produção.

Ainda em 2005, o cineasta surpreendeu o público italiano ao tirar parte de sua roupa em um telejornal. Ele havia sido convidado para falar sobre *O tigre e a neve* em um dos programas de maior audiência do país e resolveu simular um *striptease* enquanto divulgava sua nova produção. Rindo, Benigni tirou a camisa e a colocou sobre os ombros do apresentador.

Ao longo de 2009, o italiano rodou a Europa e os Estados Unidos com um espetáculo de teatro solo, protagonizado por ele mesmo, e chamado *Tutto Dante*. No palco, alinhavava versos da *Divina comédia* com piadas sobre fatos da atualidade.

Entre seus alvos favoritos está o primeiro-ministro italiano, Silvio Berlusconi, que, na opinião de Benigni, é “o maior palhaço de todos”. “No palco deixo sempre portas abertas, e qualquer coisa que ocorra nesse momento, ou que tenha ocorrido na véspera, vale. Como vou deixar de fora Berlusconi, que dá notícias a cada duas horas?!”, divertiu-se o artista ao comentar o escândalo ligando o nome do premiê a prostitutas de luxo, mansões e iates.

O destino esculpido em madeira e som

Sérgio Buccini, um dos luthiers mais respeitados de São Paulo, tem uma história de paixão pelo ofício de fazer um instrumento

Por André Spera

Estamos em 1970. Em uma pequena escola de música em Pinheiros, um garoto de 12 anos empunha um pesado acordeão, tarefa inevitavelmente difícil para uma criança. Sérgio havia começado a estudar o instrumento por desejo de seu pai, Stephano, que também havia matriculado o filho mais velho, Fernando, nas aulas de violão. Sérgio tentava se concentrar nas teclas e nos botões da sanfona, mas um ruído estridente vindo da sala ao lado chamava demais sua atenção. Uma guitarra. O instrumento ícone de todo um estilo que moldou a música pop e que se concretizaria nas mãos do até então aprendiz de sanfoneiro por meio de sua meia-irmã mais velha. “Ela apareceu em casa com um compacto dos Beatles. Quando ouvi, pensei ‘eu gosto disso, bicho’. Naquela época a gente não tinha liberdade com os pais como vocês têm hoje... não queria magoar meu pai, mas um dia me enchi e disse que não queria continuar com o acordeão”, recorda.

Abandonadas as aulas em Pinheiros, a rotina do menino regressou ao costumeiro hábito: o ir e vir de sua casa, no Itaim Bibi, para as aulas no Dante, onde ele estudou do pré-primário (hoje 1º ano do Ensino Fundamental) até o 1º colegial (hoje 1ª série do Ensino Médio). Em sua memória, ficou registrado um lugar rigoroso: “Era um ensino enérgico. O professor entrava, a gente tinha que se levantar.” Em casa, tirava no violão Rey aquilo que gostava de ouvir, o que significava emular os solos e *riffs* de rock. Até que Sérgio teve uma ideia que lhe seria útil por toda a vida. Por que não tentar modificar o violão e transformá-lo em uma guitarra? A família tinha em casa um microfone, que foi desmontado. A cápsula, pequena peça

que capta o som e o transforma em impulsos elétricos, Sérgio colocou no tampo do violão.

“Todo mundo que tocava guitarra tinha um amplificador. Eu, não. Meu pai chamou um técnico de eletrônica, e ele fez uma entrada na caixa de som do rádio da sala. Quando todo mundo saía, colocava Jimi Hendrix, alto, e tocava junto com o disco.” Como todos os aparelhos eletrônicos mais antigos, a vitrola funcionava com válvulas (peças que amplificam um sinal eletrônico, aumentando um volume de som, por exemplo). Hoje em dia, é praticamente consenso entre guitarristas que os amplificadores valvulados têm um som mais quente e orgânico do que aqueles mais modernos. Sem querer, Sérgio conseguia um timbre próximo do som das guitarras de Hendrix, porque, com o volume alto, o som do violão distorcia, lembrando um *overdrive* (uma distorção mais completa) de guitarra. Mesmo assim, a situação era, se não divertida, levemente precária. O avô materno, um português chamado Martins, que trabalhava com ferramentas (e, quando ainda morava em Portugal, fabricava bandolins e tocava serestas), ao ver o esforço do menino, perguntou o que faltava para aquilo ficar bom. A resposta era simples: um pedal de distorção.

“Só tinha uma loja que vendia, em frente à Estação da Luz. Era um pedal grande, com distorção e *wah-wah* [equipamento que faz a guitarra “falar” o som que dá seu nome, e que foi muito usado por Hendrix e Eric Clapton, por exemplo]. Foi uma loucura para mim, porque a gente conseguiu um som de guitarra muito próximo do que queria.”



Magma, o *power trio*

Aos 15 anos, Sérgio ganhou do pai sua primeira guitarra: uma Snake, antiga cópia humilde de uma Gibson 335, um dos modelos mais clássicos já inventados, e também caríssimo, principalmente no Brasil da década de 1970. O irmão de Sérgio, que já se transformava em um exímio multi-instrumentista, conseguiu uma bateria Pinguim. Nesse tempo, chegou da Itália um novo aluno para estudar no Dante, um rapaz chamado Giuseppe, que passou a frequentar os ensaios dos irmãos Buccini na casa do Itaim Bibi. “Ele estava a fim de voltar a tocar, nós o convidamos e ele aceitou rapidamente. Quando tirou a guitarra do *case*, a gente passou mal. Era uma Gibson SG original [modelo que ficou famoso com guitarristas como Angus Young, do AC/DC, e Pete Townshend, do The Who]. Como se não bastasse, ele tocava muito melhor que eu.”

Buccini não abre mão da originalidade como princípio essencial de seu trabalho. “Não faço o lugar-comum. Posso usar uma base, mas não faço cópia. Assim, você enche a bola de outra pessoa, e diminui seu potencial de criatividade e o respeito pelo seu instrumento”

Não teve jeito. Fernando sugeriu que o irmão passasse a fazer o contrabaixo. Para isso, pegou emprestado o instrumento de um amigo do Colégio, um Beger de visual metálico em péssimas condições, ou, como o luthier lembra, “em situação de misericórdia, nem tocar ele tocava”. Teve início aí o *power trio* Magma, que tocava sempre de sexta-feira à noite, no Teatro Gazeta, na Avenida Paulista. Essa era a noite em que os alunos do Objetivo se apresentavam. Nenhum dos três estudava lá: “A galera era fanática pelo nosso som. Para isso dar certo, um dos caras do Objetivo disse: ‘não tem problema, eu entro como vocalista, no dia eu fico resfriado e vocês tocam sem mim.’”



Ex-aluno do Dante, Buccini se lembra do rigor do Colégio nos anos 70. “O professor entrava, a gente tinha que se levantar.” No alto, com seu primeiro instrumento, um acordeão: seu pai desejava que ele aprendesse a tocá-lo

O Magma tinha músicas próprias, e Sérgio adorava compor. Para se ter uma ideia da popularidade das apresentações da molecada que tocava no Teatro Gazeta, é só pensar que eram 1.600 lugares e, segundo Sérgio, juntava gente no corredor. “Era bárbaro, cinco bandas por noite e todo mundo era amigo. Era preciso levar só o instrumento, eles dispunham aparelhagem. A gente tocava com amplificador Marshall, saía um sonzão. Éramos a penúltima banda. Um clima de amizade maravilhoso. Quando terminava o show, a gente vinha até aqui [Itaim Bibi] a pé,

com os instrumentos nas costas, conversando. Parava pra comer hambúrguer na Paulista.”

O trio dos irmãos Buccini e do amigo Giuseppe acabou de um jeito trágico em 1977, quando Fernando morreu em um acidente de carro. Sérgio perdeu a vontade de tocar e, tempos depois, Giuseppe foi morar em Amsterdã. Sérgio evitava ouvir alguns sons que lembravam muito a banda e chegou a acreditar que jamais voltaria a trabalhar com música. Formou-se publicitário. Passou pelas funções de assistente de estúdio e, para conseguir uma renda extra, foi representante de vendas de uma confecção em Santos.

Sérgio, entretanto, não conseguiria ficar muito mais tempo longe da música. “Esse troço é que nem um vírus. Não adianta fugir. Eu ouvia, abria as janelas da memória, mexia com o emocional.” Ele foi se equipando com o dinheiro que conseguia com a confecção, que já rendia mais do que seus trabalhos com a publicidade, o que fez com que abandonasse de uma vez a carreira nesta área. Em casa, começou a equipar – segundo suas próprias palavras – “uma pequena salinha de estudos”. Trabalhava com a venda de roupas até as 15h00 e dali, até por volta das 22h00, estudava luteria (a arte de construir instrumentos musicais). Seu primeiro foco foram os diferentes tipos de madeira. Ele passaria cinco anos de sua vida estudando exclusivamente as espécies de lenho e a maleabilidade do material. Tudo com precisão científica, em um trabalho de paixão e disciplina. Não havia livros a consultar. Além de fazer seus experimentos, ele procurava informações em revistas importadas como a *Wood* e a *Woodworker*. Sérgio tinha um projeto próprio: “Não acredito que você deva desenvolver uma profissão baseado no que estão fazendo na área. Você precisa se inspirar, é inevitável, o trabalho de alguém vai tocá-lo de uma forma diferente, mas nunca faça o mesmo caminho. Você tem que ter seu caminho próprio.”

Sérgio aprendeu a fazer uma boa estufa para tratar as madeiras, e a usar as ferramentas – muitas delas herdadas de seu avô. Comprava guitarras, desmontava-as e estudava cada elemento do instrumento. Depois de anos experimentando, a cobrança veio de seu pai. “Você está aqui há todo esse tempo... não está na hora de fazer alguma coisa?”. No espaço que tinha no fundo da casa do Itaim Bibi, Sérgio iniciou seus trabalhos como luthier. O sucesso de seus reparos e criações

cresceu sem jamais precisar de anúncios. Com o boca a boca, o número de clientes aumentou. Praticamente todo guitarrista profissional de São Paulo já levou uma “paciente” para as mãos de Sérgio. Ele cita dois nomes respeitados: Michel Leme e Fernando Correia. Hoje ele consegue dar forma e voz a três guitarras a cada 60 dias. Se compararmos com uma linha industrial, pode parecer pouco, mas ele trabalha sozinho – como sempre fez. Cuida da clínica de reparos e ajustes durante a semana e, aos sábados e domingos, dedica tempo a suas criações.

Uma das mais curiosas nasceu há três anos, quando Sérgio ficou intrigado com um pedaço de madeira que já datava 45 anos. Era o tampo do balcão em que seu pai trabalhava, peça construída pelo avô Martins. Sem querer, o instrumento fez sucesso em um workshop apresentado na escola de música de sua esposa. A invenção tem um grande trunfo: o corpo é diminuto, mas o braço tem a escala de uma guitarra comum, e os captadores são feitos à mão pelo próprio Sérgio (como todos os captadores das guitarras que ele faz). É ideal para viagens ou para professores que querem praticidade na hora de se locomover para ensinar.

Metódico e organizado, Sérgio nunca parou de estudar. Até hoje, depois de 25 anos de luteria, mantém suas pesquisas e costuma viajar pelo interior do estado de São Paulo, buscando boas madeiras, sempre de reflorestamento, como faz questão de frisar. Aqueles que procuram o luthier em busca de uma réplica de modelos consagrados, no entanto, podem terminar a visita um tanto frustrados. “Não faço o lugar-comum. Posso usar uma base, mas não faço cópia. Assim, você enche a bola de outra pessoa, e diminui seu potencial de criatividade e o respeito pelo seu instrumento. Você corre o risco de um comparativo. Qual o melhor instrumento? Existe

o que deu certo e o que não deu certo. Você pode pegar um instrumento maravilhoso feito na China, e um feito na Europa, ou nos EUA, horrível.”

A casa de sua infância se tornou a escola de música InConcert, de sua esposa, a musicóloga e pianista Stela Jizar. Apesar da proximidade com um espaço de educação musical, Sérgio jamais pensou em se tornar um professor. “Tudo que eu quero é deixar um livro bonito, um legado. Se um dia eu for ensinar, eu quero ensinar criança pobre... Mas acho que seria um professor muito chato, exigente! Tudo tem seu preço, a profissão não é exata. Não é como estudar medicina, direito, engenharia. Envolve um pouco de cada ciência, mas tem um veio artístico. Isso não dá para repassar. Posso passar a dinâmica e o porquê das coisas, mas [o fazer] exige um grau de paciência tibetano, de monge mesmo.” De fato, quem conversa com Sérgio sente estar diante de uma espécie de monge musical: é impossível não notar a espiritualidade que ele dedica ao trabalho, já revelada em sua fala serena e ponderada.

Sua oficina de reparos ainda é aquele anexo no fundo do quintal – algo como uma grande edícula

de dois andares, que também abriga o estúdio de ensaios da escola. Segundo ele, o espaço já foi modificado oito vezes. Foi ali onde, há algum tempo, um jovem que não conseguiu se livrar do “vírus” da música iniciou uma espécie de jornada de auto-conhecimento e dedicação a um ofício. Hoje, é impossível não enxergar no homem a

mesma fagulha de criatividade do menino que resolveu, certa vez, colocar a cápsula de um microfone em um violão para ver o que acontecia. E esse menino continua mesmo lá.

Arquivo pessoal Sérgio Buccini



Buccini com a esposa, Stela, que tem uma escola de música sediada na casa em que o luthier cresceu

Umbigo do mundo

Por Ana Carolina Addario Ilustração: Milton Costa

Umberto crescera com o doce hábito de aguardar ansioso pelos almoços de domingo em família. Embora desde cedo se pudesse sentir, do alto do humilde sobrado onde viviam os Beluttini, o cheiro das delicadezas gastronômicas preparadas por sua mãe, o que Umberto mais aguardava no dia era o momento de escutar, pela enésima vez, a história que seu avô contava – mas que ele nunca compreendia.

Mal saía do banho e ficava pronto: engomava com displicência o espesso e escuro cabelo, economizava, em uma breve borrifada, a única água de cheiro que perfumava toda a família – o aroma comum dos Beluttini –, e se preparava para o periódico encontro.

Da porta da cozinha, encarava a taça lustrosa de seu avô Mariano, uma das únicas peças que restaram da imigração do sul da Itália. Aquela taça um dia seria sua, tal qual o direito de contar aos filhos, netos e amigos a história de sua família, que ele ainda não compreendia totalmente.

– Jamais nascera um Beluttini em outras terras que não as originalmente italianas.

A afirmação sempre categórica de que todos os membros de sua família haviam nascido na Itália enchia o peito de Umberto de um orgulho repleto de dúvidas, principalmente depois que soube que o registro nos documentos de identidade de todos os seus familiares, exceto os do velho Mariano, previam nascimento em Araraquara, interior de São Paulo, território brasileiro. Mas as palavras do avô soavam quase como uma reza, e, religioso que era, Umberto agradecia pelo privilégio do fato e encerrava a sentença com um sorriso e um breve amém.

Mas outra pista fazia Umberto desconfiar, mesmo que timidamente, da veracidade daquela informação: como seria possível que todos tivessem nascido na Itália se a diferença de idade entre seu pai, Bento, e os demais irmãos deste, Giovanni, Italo e Dante, era de apenas um ano? Não havia tempo nem dinheiro o suficiente para que a mãe deles viajasse, do Brasil à Itália, a cada nascimento.

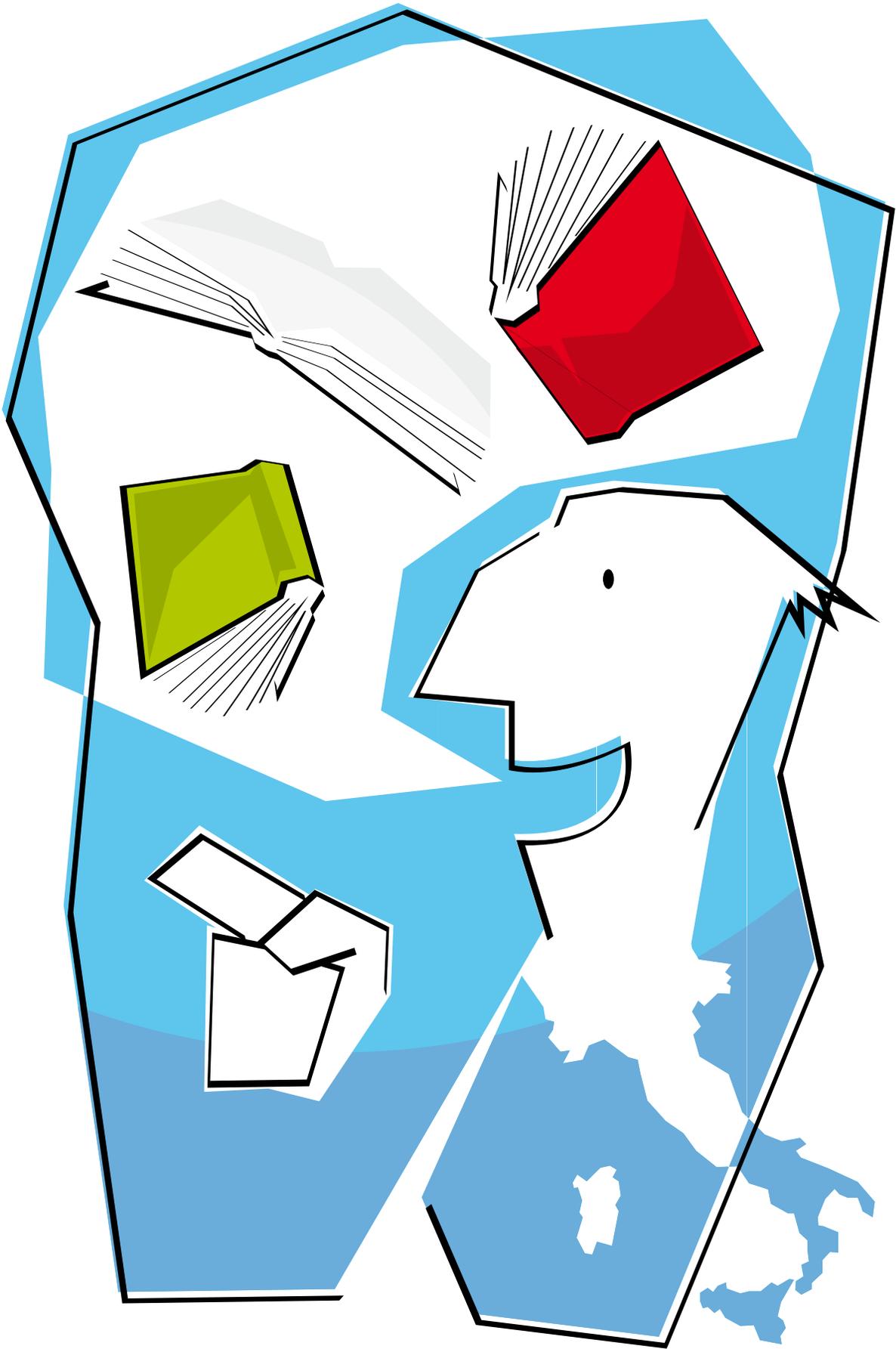
Apesar dessas e outras dúvidas, Umberto jamais questionou o patriarca da família – ouvia atônito a história, e corria num pinote para o fundo do quarto. Passava as horas seguintes tentando resolver o enigma, até que caía no sono. Nenhuma resposta o acudia.

Na gana de entender como se dera, e se realmente seria possível, a façanha que atribuíam a toda a sua família, Umberto passou a vasculhar os volumes de literatura italiana que o avô possuía na sala de casa, a preciosa relíquia da família. O velho Mariano era um amante da literatura.

A cada livro, Umberto embarcava em viagens fantasiosas, com personagens que se aproximavam ou distanciavam dos entes queridos, de seu estilo de vida, de sua realidade. A cada nova narrativa, descobria a saga de outras famílias, italianas ou não, e de longínquos períodos. E todo domingo, por conta do estímulo que a literatura trazia à sua imaginação, aparecia com uma nova possível solução para o avô, que sorria e negava as hipóteses, mas nunca desencorajava o garoto.

Passaram-se anos, e a morte do velho Mariano chegou antes de Umberto haver finalmente percebido que muitos dos autores italianos cujas linhas ele devorava em suas leituras possuíam os mesmos nomes de seu pai e de seus tios: Bento, Giovanni, Italo, Dante, e mesmo Umberto, foram, em momentos esparsos, grandes autores de obras famosas de sua pátria do coração. E foi então que Umberto resolveu o enigma: toda a sua família nascera do umbigo dos livros, e ele, como os outros parentes, era o eco, obviamente italiano, de algum grande autor. Bastava, para o velho Mariano, acreditar que toda a família compartilhava sua nacionalidade e sua paixão pela literatura.

Desde então, há centenas de domingos, o mais novo dos Beluttini resolveu deixar de ser apenas a pétala seca de flor no meio dos livros, para se tornar a tinta que corre nos milhares de começos, meios e fins de histórias possíveis. Se antes tinha a Itália no fundo do peito, agora a tem também no nome e na ponta de sua caneta.



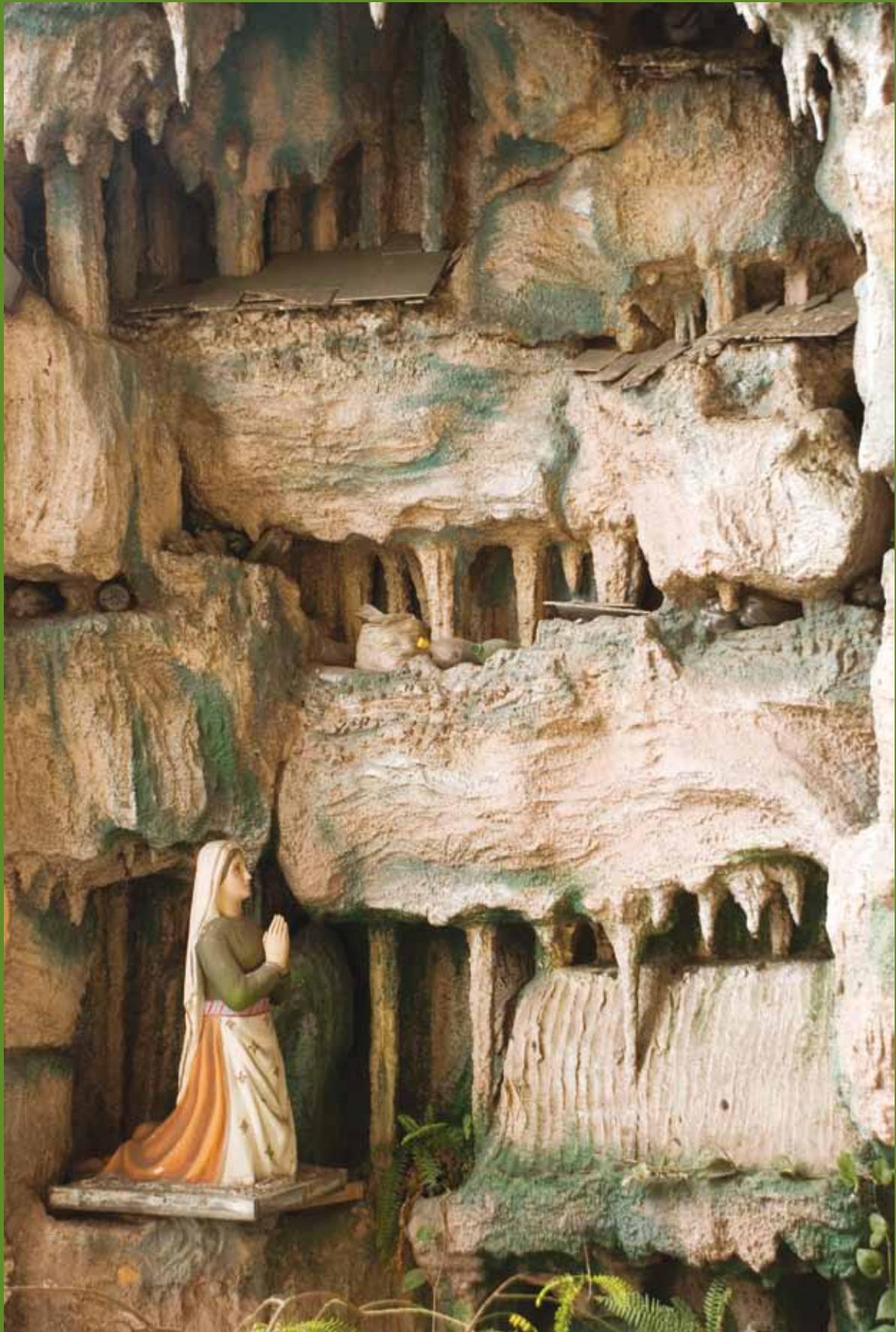
A Rua dos Italianos

Por **Fernanda Quinta**

A partir da Silva Pinto, no Bom Retiro, a Rua dos Italianos corre paralela à famosa José Paulino e estende-se até a Marginal do Tietê. Os imigrantes que lhe emprestam o nome foram os primeiros operários atraídos pelas indústrias erguidas na região após a instalação da Estrada de Ferro São Paulo Railway, a atual

Santos-Jundiaí, em 1867. Além da possibilidade de emprego, no início do século XIX, o Bom Retiro oferecia terrenos a preços baixos. A colônia italiana cresceu e aos poucos foi migrando para outros bairros, deixando marcas ainda visíveis de sua passagem por ali, como na Rua dos Italianos, retratada nas imagens a seguir.









AMAZÔNIA PARA SEMPRE

LUIZ GOMES

“Tenho para mim que a vida
não valerá mais a pena no
dia em que o Brasil desistir de
ser uma Pátria livre, independente
e autônoma, e os brasileiros
deixarem bruxolear ou morrer,
em seus corações vacilantes,
a chama da dignidade nacional.”

(Goffredo Telles Junior
– “Discurso em defesa da
Amazônia”, proferido
na Câmara dos Deputados
Federais, em 14 de outubro
de 1949)

Minha Amazônia presente,
De passado imaculado,
De futuro já traçado:
Amazônia para sempre.

Na saga da tua história,
Ouço um canto libertário
De um sonhador e de tantos
Que, ao longo de tantos passos,
No teu espaço sem fim,
Aqui, além, mais distante,
Alimentaram na gente
O sonho predestinado
Do vasto chão que tem dono
– Amazônia para sempre.

Olhos ávidos de inveja,
De cobiça, de rapina,
Sem perder um só instante,
São constantes na mentira.
São abutres, são sem-pátria,
Sorrateiros sempre à espreita
De aviltar, em nossa mente,
O lema – que é tanto nosso:
Amazônia para sempre.

Nunca é tempo de parar,
Acreditar, sim, no porvir,
No hoje, sempre presente
No embate do povo altivo,
Que não se esquece jamais

“Da choupana onde um é pouco,
Dois é bom, três é demais”.

Aves, Plantas, Animais,
Imortais cantos de glória,
Eis o apelo à resistência,
Eis o brado do guerreiro,
Eis o alerta ao mundo inteiro,
Que nenhum palmo sequer
Pirata algum tomará
Da terra de nossa gente,
Que a resistência tem nome:
Amazônia para sempre.

Tu és a moça prendada,
Iluminada dos rios,
Das plantas, dos seringais,
Das águas negras undosas,
Do brilho dos minerais,
Das rochas, do ouro negro,
De infindos mananciais,
Tu és a vida perene,
A vida de nossa gente,
As selvas fazendo abrigo
Da Amazônia para sempre.

Rompe o mato a mata altiva,
Põe-se alerta e brada e grita
E corre e solta e defende
O chão, o arbusto, a floresta
Sempre audaz, constantemente,
Da Amazônia para sempre.

Talhado já o futuro
Da floresta tropical,
Em nossas mãos o destino
Da unidade nacional.
Ó mar das matas, cantai
O hino livre da Pátria.
Aves, Plantas, Animais
Heróis presentes, passados,
Levantai-vos irmanados,
Na Pátria uma só corrente:
É para sempre Amazônia,
Amazônia para sempre.

Luiz Gomes é advogado, formado pela Faculdade do Largo São Francisco em 1954. Foi procurador da Prefeitura de São Paulo e procurador da Fazenda no Tribunal de Contas do Município. É autor do livro *De Olímpia às arcadas*, lançado em 2007 pela Giz Editorial.



Essência e modernidade

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

Comprimida entre mar e montes, a Ligúria é a única região italiana que tem os Alpes, os Apeninos e o mar, além de ser o único território do norte do país a desfrutar do clima temperado do mar Tirreno, aproveitando os benefícios da vizinhança com o mar e a proteção de consideráveis cadeias de montanhas. Essas vantagens geográficas, somadas à tradição comercial e histórica de Gênova, contribuíram na consolidação de uma gastronomia que harmoniza os produtos do bosque, da horta e do mar. Existe uma harmonia entre o verde e o azul, feita de delicados equilíbrios de onde surgem produtos excepcionais como o azeite de oliva, os suculentos frutos da horta e os vinhos delicados e perfumados.

A cozinha liguriense é predominantemente *di magro*, ou seja, quase vegetariana, decorrência da exigência de aproveitar ao máximo qualquer ingrediente disponível. O ingrediente mais conhecido é, sem dúvida, o *basilico* (manjeriço grande genovês), uma plantinha que, em mãos sábias, se tornou parte de um casamento exemplar com os *pinoli*, o azeite, o alho e o queijo parmesão, dando origem ao *pesto* genovês.

A cozinha liguriense azul ou *marinara* é composta de crustáceos de pedras, peixes de profundidade do Golfo do Tigulio, peixes azuis como as anchovas, as douradas e os esplêndidos *bianchetti*, além do robalo e de outros peixes típicos da região. Também os bosques fazem a

sua parte, contribuindo com o fornecimento de castanhas, cogumelos, tartufos negros e frutos silvestres, usados em abundância por lá.

Ao longo dos séculos, com o comércio desenvolvido de Gênova, as influências externas passaram a enriquecer a gastronomia da região, com a introdução de alimentos como o bacalhau e o *stocafisso* (um primo do bacalhau), que deram vida a uma multiplicidade de pratos com sabor mais intenso, como a sopa *burrada*.

“Um capítulo à parte é a focaccia (no dialeto local, fugassa). Especialidade típica da cozinha liguriense, trata-se de uma espécie de pão empastado com azeite, de preferência extravirgem. Deve ser salgada com sal grosso, que derrete parcialmente durante o cozimento.”

São numerosos, também por conta dessas influências externas, os testemunhos de pratos com acento mediterrâneo: existem surpreendentes analogias com as gastronomias espanhola, muçulmana e siciliana. Destacamos a *farinata*, uma espécie de *focaccia* finíssima feita com farinha de grão de bico, sal e água, consumida quente em qualquer momento do dia.

Um capítulo à parte é a *focaccia* (no dialeto local, *fugassa*). Especialidade típica da cozinha liguriense, trata-se de uma espécie de pão empastado com azeite, de preferência extravirgem. Deve ser salgada com sal grosso, que derrete parcialmente durante o cozimento.

A gastronomia liguriense é, portanto, essencial, livre de muitas especiarias e de sabores agressivos, revelando o pensamento que sustenta uma das cozinhas mais atuais da península.

Pesto alla genovese



INGREDIENTES

3 a 4 dentes de alho descascados
1 maço de manjeriço fresco
1 colher de sopa de queijo parmesão ralado
1 colher de queijo *pecorino* ralado
½ xícara de chá de azeite de oliva extravirgem (aproximadamente)
2 colheres de sopa de *pinoli*
1 pitada de sal marinho

MODO DE PREPARO

Coloque o alho, o sal e os *pinoli* em um almofariz e macere com um pilão. Acrescente o manjeriço desfolhado sem os cabinhos, lavado e enxuto. Continue a macerar até obter uma pasta homogênea e perfumada. Em seguida, coloque os queijos e regue com o azeite. Macere mais algumas vezes até o molho ficar bem misturado. Coloque em um recipiente limpo e cubra com o azeite. Conserve na geladeira ou freezer.

Focaccia

INGREDIENTES

220 g de farinha de trigo
20 g de fermento biológico
10 colheres de sopa de água morna
1 pitada de sal
azeite

MODO DE PREPARO

Em uma tigela, dissolva o fermento em duas colheres de água morna. Adicione uma colher bem cheia de farinha de trigo e mexa. Deixe fermentar por 30 minutos. A mistura deverá ficar macia ao toque dos dedos. Despeje do alto o restante da farinha em outro recipiente, faça um buraco no centro, coloque a mistura do fermento e as 8 colheres de sopa de água restantes aos poucos. Mexa, misture e



trabalhe bem a massa, até ficar lisa e elástica. Faça uma bola, cubra e deixe fermentar. Quando dobrar de volume, abra a massa e coloque em uma assadeira retangular, untada com azeite. Pressione com as pontas dos dedos a massa e regue com mais azeite. Asse em forno preaquecido a 200° C por aproximadamente 30 minutos, ou até ficar dourada.

Bavarese

INGREDIENTES

100 ml de leite
A casca de um limão
120 g de creme de leite fresco
½ colher de açúcar de confeiteiro
1 gema
50 g de açúcar
1 folha de gelatina incolor
Essência de laranja (ou de limão ou de baunilha)
400 g de frutas silvestres congeladas

MODO DE PREPARO

Deixe as formas do doce no freezer. Ferva o leite com a casca de limão. Reserve. Em uma vasilha disposta sobre outra com bastante gelo, bata o creme de leite com a colher de açúcar de confeiteiro, até que a mistura fique bem consistente, como um chantilly. Leve à geladeira, ou até mesmo ao freezer. Bata a gema com o açúcar até a mistura dobrar de volume e se tornar uma gemada bem branquinha. Adicione o leite sem a casca do limão. Bata mais um pouco e leve ao banho-maria, mexendo até ficar bem consistente. Durante o banho-maria,



acrescente a folha de gelatina previamente deixada de molho na água. Misture bem, até que, colocando o dedo, a mistura não pingue. Leve imediatamente ao resfriamento. Quando tudo estiver bem frio, bata o chantilly e a gemada na batedeira e, em seguida, acrescente a essência de laranja, de limão ou de baunilha durante outro banho-maria. Despeje a mistura nas formas já geladas.

Calda

Bata no liquidificador as frutas silvestres congeladas, com açúcar a gosto. Jogue sobre as “bavareses” no momento de servir.



Poderoso gergelim

Por **Silvia Percussi** Foto: **Tadeu Brunelli**

Essa sementinha de gosto requintado é pequenina, achatada e de coloração que varia do branco ao preto. Há algumas centenas de anos o gergelim é consumido no Oriente e por aqui está sendo cada vez mais utilizado em nossa gastronomia. Ele nos proporciona uma combinação muito eficiente: nutrição e bem-estar físico, pois, além de ajudar no funcionamento do intestino, ainda é saboroso. Para completar, ele dá um toque

de chef no visual de algumas receitas, e tem propriedades que contribuem para a perda de peso. Esta receita de barrinha de cereal com gergelim é uma ótima opção de lanche nos intervalos entre uma aula e outra – ou ainda no intervalo de estudo para uma prova. De fácil execução, pode ser preparada com antecedência e conservada em papel alumínio dentro de um recipiente hermético, em local seco e escuro. Um ótimo início para quem quer começar uma carreira de chef!

Barrinha de Cereais

INGREDIENTES

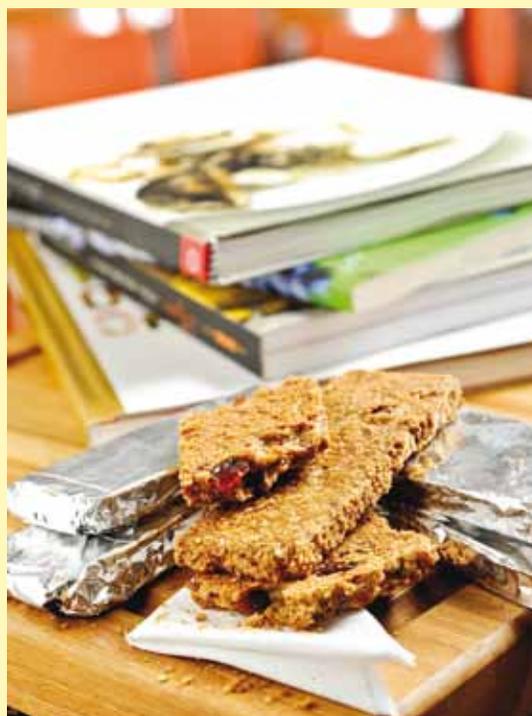
3 colheres de sopa de mel
½ xícara de chá de óleo de milho
1 colher de chá de baunilha
5 colheres de sopa de açúcar mascavo
1 banana média assada ou
mais uma colher de mel
3 ½ xícaras de chá de aveia
3 colheres de sopa de gergelim torrado
3 colheres de sopa de passas
6 colheres de nozes picadas

PREPARO

Misture o mel, o óleo, a baunilha, o açúcar e a banana amassada, e leve ao fogo. Acrescente a aveia, o gergelim, as nozes e as passas. Quando os ingredientes estiverem bem misturados, retire do fogo e despeje a massa em uma forma untada. Comprima bem, usando uma espátula, que deve estar sempre molhada para não grudar. Em seguida, leve ao fogo e deixe por 30 minutos. Enquanto

ainda está quente, marque o tamanho das barrinhas e deixe-as esfriar para cortá-las.

Rendimento: 15 barrinhas (174 calorias cada uma)

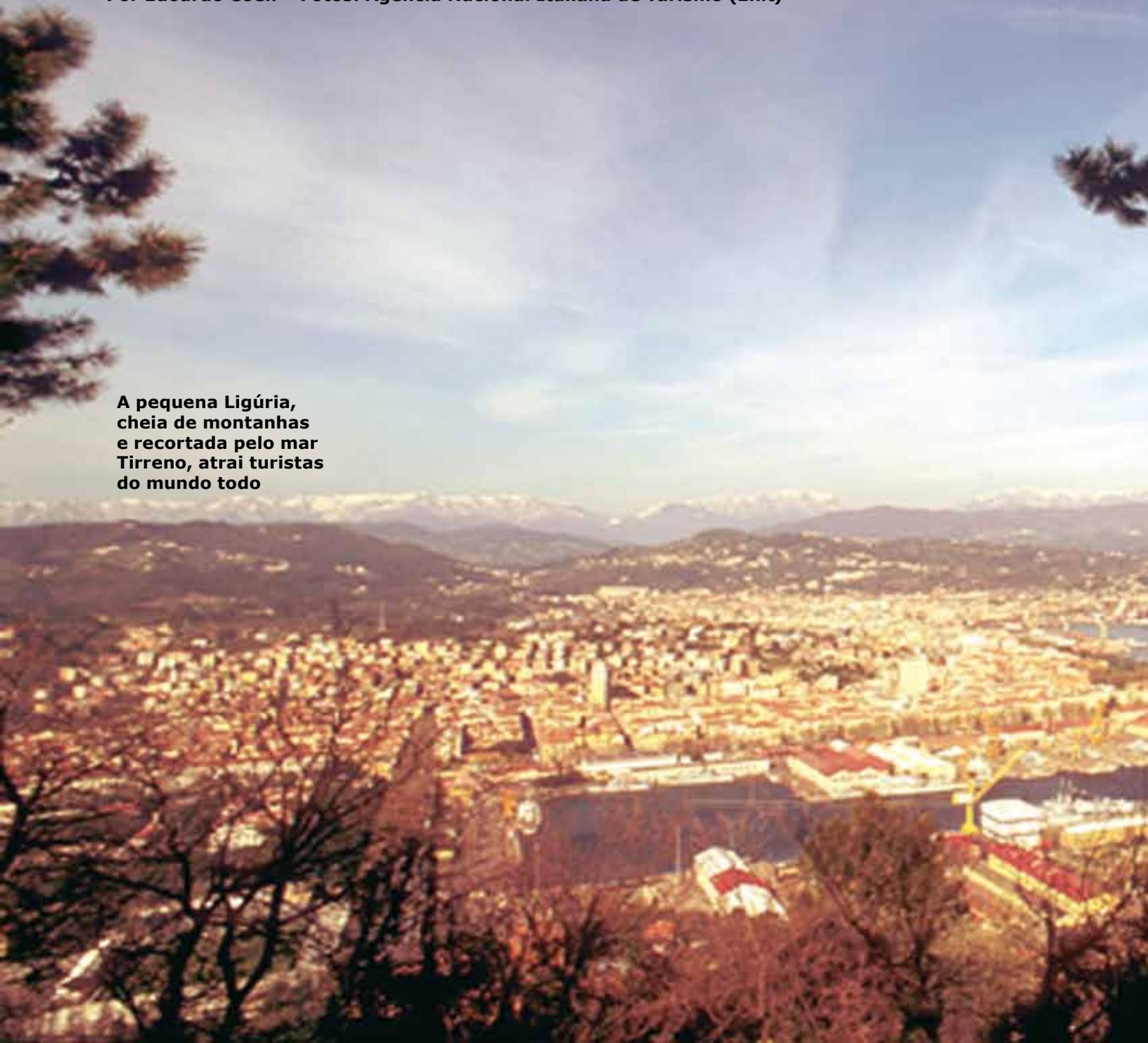


Mares, campos e arte

Embora seja a região italiana de menor território, a Ligúria oferece belezas naturais para todos os gostos – e a riqueza da arte genovesa

Por Edoardo Coen Fotos: Agência Nacional Italiana de Turismo (Enit)

**A pequena Ligúria,
cheia de montanhas
e recortada pelo mar
Tirreno, atrai turistas
do mundo todo**





Nesta nossa peregrinação pelas regiões italianas, chegou a hora de conhecer a Ligúria, a menor em extensão territorial. Ela tem a forma de um grande arco com abertura para o mar Tirreno, cujas águas acompanham o recorte de toda sua costa. A configuração da Ligúria é, assim, a de uma estreita faixa de terra, onde predominam colinas e montanhas. É um panorama que se apresenta ao turista sem espaços intermediários. Montes, promontórios e penhascos parecem surgir como elevações nuançadas pelo azul profundo do mar Tirreno.

Essa terra apresenta dois aspectos distintos: o dos centros marítimos, culturalmente mais arejados, e o da vida rural, quase patriarcal, dos burgos interioranos. Quando nos referimos ao mar dos ligurienses, não podemos deixar de fazer referência à capital dessa região: Gênova, “la Superba”, que, no decorrer da Idade Média, e mesmo depois, com Veneza, Amalfi e Pisa, era

uma das “Repubbliche marinare” italianas, cujos navios dominavam as rotas marítimas das águas então conhecidas. De Gênova zarparam, fazendo-se ao mar, centenas de capitães famosos em busca de novos caminhos e terras. O mais famoso foi Cristóvão Colombo, o descobridor das Américas.

Deixemos, porém, por enquanto, a ideia do mar, considerando-se que a nossa rota de penetração na Ligúria será por terra, a começar pelo lado sul do arco. Aqui se apresenta, de saída, um dilema, o da escolha da estrada: temos a estupenda *Autostrada Azzurra*, pista construída na segunda metade do século passado; e a *Via Aurelia*, um traçado romano do terceiro século a.C. que servia de ligação com os portos do mar Tirreno superior. Nossa escolha será a *Via Aurelia*, já que os antigos caminhos representam rios de história, onde os fatos memoráveis permanecem presentes, petrificados nos restos do passado, nos monumentos que acompanham o seu percurso.



As moradias em Riomaggiore são exemplo da obstinação humana: foram construídas em uma região extremamente acidentada



Portofino e Camogli são duas cidades marítimas praticamente habitadas por turistas: a “temporada” dura o ano todo

Conhecer, de forma completa, todos os burgos e locais interessantes que a Ligúria oferece, representa um trabalho que extrapola os limites da nossa disposição, já que cada ângulo dessa terra reserva surpresas realmente inacreditáveis. Assim, o que se procurou foi oferecer ao nosso leitor um leque dos lugares mais interessantes.

Depois de poucos quilômetros na *Via Aurelia*, pegamos uma estradinha à esquerda, que nos levará a *Riomaggiore*, um burgo que mantém intacto o seu caráter marinho. O que fascina nesse lugar é perceber a relação entre o conjunto das moradias e a selvagem beleza da paisagem. O povoado é um exemplo eloquente da obstinação do homem, que consegue se radicar até onde as asperezas naturais parecem insuperáveis, já que, ali, as colinas parecem precipitar-se diretamente no mar.

Os fundadores de *Riomaggiore* – um grupo de gregos que fugia das perseguições do imperador bizantino Leão III, no século VIII – refugiaram-se ao longo do rio Maior, que corre entre as colinas. O rio, que deu nome ao burgo, foi em seguida coberto, formando a estrada principal do lugarejo. Os edifícios da cidade têm, sem exceção, três ou quatro andares, e são ligados uns aos outros por pequenas pontes.

Muitas dessas construções, na rua principal, são hoje cantinas onde se vendem o vinho branco seco das *Cinque Terre* e o “Schicchetra” (vinho licoroso). Em direção ao mar, a antiga foz do rio Maior é hoje uma típica pracinha que, com seu porto, principalmente na estação festiva, fica repleta de turistas sentados nas mesinhas dos cafés.

No extremo oposto, na montanha, encontramos a igreja *San Giovanni* e o *Castello*. Na igreja, fundada em 1340, merecem atenção especial os dois portais do século IV; já no *Castello*, edificado em 1260 na tradicional forma de quadrilátero, com quatro torres angulares, vê-se apenas o que restou da destruição ocorrida no século passado, quando foi transformado em cemitério. *Riomaggiore*, a primeira localidade que visitamos, é um burgo localizado no interior da região. Agora, percorreremos apenas alguns quilômetros pelo interior daquela faixa estreita de terra, da qual falávamos no início, e chegaremos a *Varese Ligure*. Trata-se de um antigo conjunto urbano, construído por volta de 1400, e considerado um dos raros exemplos de vilarejo com planta arcada, um dos mais bem conservados.

O burgo foi fundado pela nobre família Fieschi, que o transformou num importante centro comercial e de defesa. Esse esquema administrativo perdurou até 1547, quando o controle passou para a República de Gênova. A estrutura urbana

é constituída por um arco de casas formando uma ferradura, que converge em direção a um castelo. A parte superior dessa afigurada ferradura é composta de casas que, em seu interior, possuem pórticos, e que, na parte exterior, apresentam paredes lisas, sem janelas, como a revelarem a sua primeira função: a de defesa. É precisamente para se entender o conceito que dominava a construção de núcleos habitacionais ligurienses, em especial os do interior, que vale uma visita ao lugarejo.

Depois dessa rápida incursão pelo interior, voltemos para as cidades do mar, onde, a pouca distância uma da outra, encontramos *Portofino*, *Camogli* e *Chiavari*. Essas localidades são as três verdadeiras joias do alto turismo, incrustadas na *Riviera Ligure* – a continuação italiana da famosa Costa Azul francesa.

Seus pequenos portos são coalhados com todos os tipos de embarcação, das mais simples às mais sofisticadas, ostentando bandeiras de toda parte do mundo, enquanto seus proprietários e convidados se confundem numa babel de línguas pelas lojas, bares e restaurantes das pequenas ruas das cidades. E isso acontece praticamente em todas as épocas do ano.

Gênova agora está próxima, e já podemos visualizar o seu farol, que, com 127 metros, domina a vista do porto. Artisticamente, Gênova é uma das cidades mais monumentais da Itália. A prosperidade de sua vida comercial ofereceu àquele povo de navegadores a possibilidade de ornar a cidade com uma esplêndida arquitetura, fazendo jus ao apelido *la Superba*, que significa “a Grandiosa”.

Entre as igrejas que merecem uma visita obrigatória, temos a catedral de *San Lorenzo*, em estilo românico, embora sua fachada seja gótica –



A praça municipal de Gênova, a Grandiosa, cidade reconhecida pela riqueza arquitetônica

como também é gótica a de *San Donato*. É interessante a de *Santa Maria di Carignano*, com suas proporções menores e sua planta em cruz grega, estilo idealizado por Bramante e Michelangelo para a Basílica de São Pedro, em Roma.

O turista apreciador da arte refinada não poderá deixar de visitar: a *Galleria di Palazzo Bianco*, que abriga uma importante coleção de pintores ligurienses, de 1400 a 1700; a *Galleria di Palazzo Rosso*, que tem uma riquíssima coleção de mobiliário, cerâmicas ligurienses e chinesas; a *Galleria Nazionale di Palazzo Spinola*, com suas importantes pinturas; e o *Museo d'Arte Orientale*, com seus tesouros colecionados durante séculos por navegantes genoveses.

Para encerrar o nosso giro, daremos um passeio pelas ruas adjacentes ao porto, com suas ruelas estreitas e apinhadas, onde se pode respirar um ar de vivacidade latina, com seus gritos, suas cores, e panos estendidos entre as casas, ouvindo-se no fundo as vozes fortes dos *camali* (carregadores de porto genoveses). Afinal, tudo isso é parte da cultura da região, e o turismo também é feito com esses ingredientes.

Ligúria



Adaptação sem traumas

Por Silvana Leporace - Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

Todo início de ano, questiono algumas situações que surgem durante o período de adaptação de crianças e adolescentes à escola. Enfrentar o desconhecido é sempre uma condição angustiante e gera insegurança e desorganização internas.

O que tenho notado é que, algumas vezes, os pais não dão chance ou incentivo para que os filhos enfrentem situações de adaptação ou readaptação. Em alguns momentos precisamos trabalhar muito mais com os pais essa separação do que com as crianças. O fato é que as emoções se sobrepõem à razão e eles enxergam os filhos mais frágeis do que realmente são.

A escola é um local preparado para receber o aluno e dispõe de uma infraestrutura material e humana para que o processo se dê com tranquilidade, sempre levando em conta as diferenças individuais. Cabe aos pais oferecer, em qualquer faixa etária, afeto, paciência, segurança e ensino da autonomia.

Com os pequenos, é importante demonstrar segurança na escolha da escola, dar-lhes a certeza de que não estarão “abandonados” no novo ambiente, sem deixar de cumprir as orientações dadas pelos profissionais e de atender aos horários estabelecidos. É necessário, também, enfatizar que a escola é um lugar agradável e valorizar a aprendizagem, despertando a curiosidade das crianças pelas coisas novas. Deve-se, em todo caso, evitar que o filho perceba que os pais “estão chorando por dentro” por vê-lo viver novas situações.

Com os jovens, é preciso incentivá-los a que ampliem o círculo de amizades. Alguns adolescentes entram na nova classe no primeiro dia de aula e saem dizendo que querem mudar de turma. Os pais, preocupados, apoiam a decisão, perdendo então a oportunidade de aconselhá-los a, primeiro, vivenciar as situações para, somente depois, poder formar uma opinião mais crítica.

Os pais devem, sim, ser bons ouvintes, mas também ter voz ativa para orientar seus filhos a serem mais paciosos e a entenderem que

conhecer as pessoas, descobrir a dinâmica do grupo e formar laços leva certo tempo.

Em certas situações, são os pais que preferem que o filho mantenha um determinado grupo, pois julgam serem seus integrantes as melhores companhias. Esquecem, porém, que o filho cresce, que novos ambientes vão surgir ao longo da vida dele, e que a escola também é um grande laboratório onde ele aprenderá a escolher as pessoas que irão realmente fazer a diferença.

“Os pais devem, sim, ser bons ouvintes, mas também ter voz ativa para orientar seus filhos a serem mais paciosos, a não serem tão imediatistas e a entenderem que conhecer as pessoas, descobrir a dinâmica do grupo e formar laços leva certo tempo.”

É claro que sempre deverá existir o olhar atento dos adultos para destacar situações que merecem uma reflexão maior, pois é inegável que o grupo exerce uma influência muito forte e que cada um tem identidade e características próprias.

É preciso enxergar nitidamente que o processo de adaptação se inicia com o nascimento, ressurgindo a cada nova situação que a criança ou o jovem vivencia. Por isso, não se pode querer que os filhos se esquivem de novos enfrentamentos, pois, se isso acontecer, eles nunca começarão a escrever sua própria história de vida.

O ballet dantiano



As atividades extracurriculares são valorizadas no Dante há décadas. Na foto acima, uma apresentação infantil de ballet clássico realizada no início dos anos 60. Ao lado, nossas bailarinas mostram aos pais o que aprenderam no curso livre de ballet de 2009.



CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

PEEKABOO

Unidade Jardins

Rua Manuel da Nóbrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828

JARDINS

Elevador Discovery
Discoteca Completa
Cama Elástica
Barco Vicking
Super Parede de Alpinismo
Games (Jogos em Rede)
Trem Bala
Super Brinquedão
com área baby
Lanchonete Infantil
Palco c/ Camarim
Casinha do Macaco
Dardo Eletrônico
Carrossel
Air Boy
Máquina de Dança
área Zooopa
Painel Temático com
sons de bichos
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...

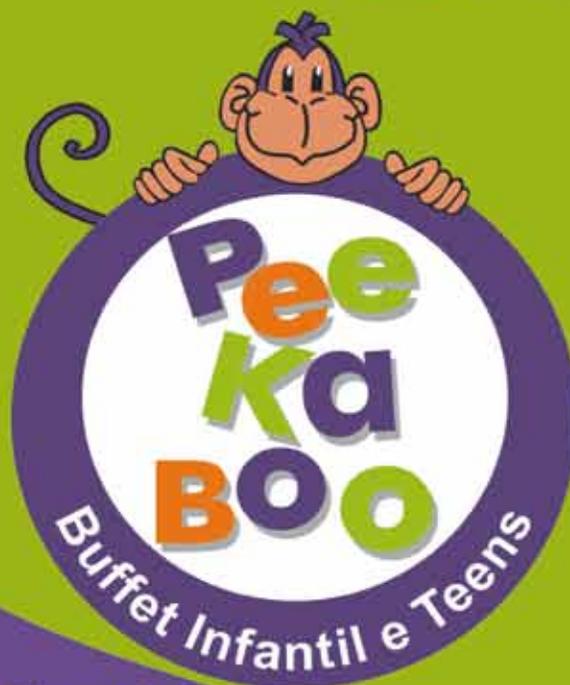


Unidade Higienópolis

Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640

HIGIENÓPOLIS

Barco Vicking
Games / Air Boy
Super Brinquedão
com área baby
Máquina de Dança
Mono Rail
Cama Elástica
Área Teens
Lanchonete Infantil
Casinha do Macaco
Parede de Alpinismo
Carrossel
Dardo Eletrônico
Games (Jogos em rede)
Super Tombo
Espelho Mágico
Street Ball
Snow Board
e muito mais...



MOEMA

Cama Elástica
Roda Palhaço
Camarim de Fantasias
Elevador Discovery
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Carrossel
Super Brinquedão
com área baby
Parede de Alpinismo
Eletrônica
Lanchonete Infantil
Dardo Eletrônico
Lan House
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...

Cardápios diferenciados

Menu Kacher
Menu Japonês
Menu Árabe
e outros...

**Criamos
lembrancinhas
personalizadas**

**Estacionamento
com manobrista**



ITAIM

Boliche Eletrônico
Cama Elástica
Barco Vicking
Parede de Alpinismo
Games / Air Boy
Super Brinquedão
com área baby
Lanchonete Infantil
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Vitrine Animada
Carrossel
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...

Unidade Moema

Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818

Unidade Itaim

Rua Dr. Alceu de
Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet **Peekaboo**.com.br



Bonito por fora. Moderno por dentro. Excelente no ensino.
Colégio Dante Alighieri: em uma só escola, o que há de melhor na educação.

- Educação Infantil
- Maternal I
- Maternal II e Jardim (com opção de período integral)
- Ensino Fundamental (com opção de período integral até o 5º ano)
- Ensino Médio
- Opção de High School

Ligue: (11) 3179-4400
www.colegiodante.com.br